

WLADIMIR OLIVIER

VERSOS PERVERSOS IV

(TREINAMENTO POÉTICO-MEDIÚNICO)

ESPÍRITOS DIVERSOS

Saiba, Irmão, que estes versos
provieram da Espiritualidade!

ÍNDICE

1. A proposta	7
2. Explicitando a proposta	
I. Importante leitura	9
II. Precauções	9
III. P'ra valer	9
3. Treinamento apurado	11
4. À busca de redenção	13
5. Testando as licenças poéticas	15
6. Versos zombeteiros	17
7. A hora da morte	19
8. Integração com o médium	21
9. Saudade de versejar	23
10. Dissecando os versos	25
11. Sem burilamento	29
12. Pondo as manguinhas de fora	33
13. Ao correr da pena	35
14. Ameaças à Dona Poética	37
15. Auras roxas	39
16. Poema preocupado consigo mesmo	41
17. Surrealismo sobrenatural	43
18. Enquanto os poetas não vêm	45
19. Versos felizes	47
20. Octossílabos rápidos	49
21. Estava perto e eu não via	51
22. Juvêncio metrifica	53
23. Censura ao dinheiro	55
24. Com boa vontade	57
25. Impressões de viagem	59
26. Sonho de monge	61
27. Diante do inimigo	63
28. Dualidade da alma	65
29. Afastemos o fantasma	67
30. Sem vaidade	69
31. Sem reformas	71
32. Eneassílabos toscos	73
33. A trinta por hora	75
34. Anunciando a despedida	77
35. Injunções do pioneirismo	79
36. O trabalho prosseguirá	81

1

A PROPOSTA

Já chega de treinamentos,
Que damos por concluídos:
Que se aumentem os momentos
Destes dias bem vividos.

Não prometemos tormentos,
Nem nós somos criativos:
Daremos aos sentimentos
Tratamentos mais ativos.

Por isso, o nosso irmãozinho
Cuidará com mais carinho
Dos versos que se farão;

Não vai quebrar a cabeça,
Mas é bom que não se esqueça
De colocar emoção.

Eis o primeiro conjunto,
Simples forma de soneto:
Não fundi o meu bestunto,
No quarteto ou no terceto.

Mas darei ao meu assunto,
De mãos juntas eu prometo,
O respeito dum defunto,
Seja branco, seja preto.

Passarei a outro tema,
Procurarei variar.
Servirá, como meu lema,

O intento de auxiliar.
Não farei nenhum poema
Pelo gosto de rimar.

É bem curta esta memória,
Pois estes versos que fiz,
Se já têm a sua história,
Não terão final feliz:
Só um momento de glória
Dum amor que não se quis.

Pois a luta continua,
Seja na praça ou na rua,
Onde nos chame o dever.
Já temos um bom começo,
Mantenhamos o arremesso,
Nunca nos falte o querer.

O dom de fazer poesia,
Com as rimas demarcadas,
É arte que se aprecia,
Quando são bem declamadas.

Contudo, será preciso
Um pouquinho de juízo,
Ao determinar o assunto,
E aplicar grande talento,
P'ra se evitar o tormento,
Ao se montar o conjunto.

Prometemos suspender
A parte do treinamento,
Mas não temos que dizer,
Pois nos falha o pensamento.

Iremos ter de esperar
Que venham os companheiros,
Mais alegres, mais faceiros,
Para com eles rimar.

Nesta vidinha de agora,
A solução já demora,
Os nossos versos complicam:
Não temos o que dizer,
Por isso vamos fazer
Só estrofes que não ficam.

Mas eu pergunto ao irmão,
Cuja cultura respeito,
Se não é de coração

O treino que se tem feito?!

Às vezes, as rimas fenecem,
Os assuntos não aparecem,
Os textos se tornam sem graça.
Porém, nos vamos entretendo,
Quadras e sextetos fazendo,
Para demonstrar nossa raça.

Eis aí, caro irmãozinho,
No que está dando este dia:
Num punhado de poesia,
Que fazemos com carinho.
São fortes as emoções
Que banham os corações.

Lamento não conseguir
Completar estas quadrinhas.
Perdoe-me, Wladimir,
Repetir as ladainhas.

Na hora da despedida,
Ganham cores e mais vida
Os versos que vou fazendo;
Parece até que eu queria,
Ao fazer esta poesia,
Deixar o médium tremendo.

la ele retirar-se,
Estava bem decidido.
Mas resolveu sofrer-se,
Não vendo tudo perdido.
Agora não quer safar-se,

Mas é disto que eu duvido.

Já que estas coisas dependem
Do que eu tiver resolvido,
Irei saber se me atendem,
Após ter agradecido,
Ou se virá outro irmão
Prosseguir esta emoção.

Mal ou bem, eu concluí
O que esperavam de mim.
Agradeço a Deus aqui
E ao treino ponho fim.

2

EXPLICITANDO A PROPOSTA

I — Importante leitura

Reúnem-se os irmãos p'ra sério estudo
Das páginas translúcidas da *Gênese*;
Precisam compreender tal ontogênese,
Desfazendo os mistérios disto tudo.

Vem depois o milagre cabeludo,
Cuja tese depõe a filogênese,
Pois Kardec propôs, além do *Gênese*,
Que toda a Bíblia abrisse o conteúdo.

E as predições se põem logo em seguida,
Num desafio à argúcia dos presentes,
Porque o futuro incerto está proscrito.

São essas as lições que lhes dão vida,
Que se transformam em guias permanentes,
P'ra que delas se valham no Infinito.

II — Precauções

Queremos desejar que o nosso amigo
Consiga compreender o nosso intuito,
Resguardando-se até em seu abrigo,
P'ra evitar que se dê curto-circuito.

Brigado tem o povo até comigo;
Por isso mesmo tenha o siso muito
Fechado, pois é tal hábito antigo
Que lhe dará da vide o seu bom fruto.

Se desejar mostrar o empreendimento
Desta tarde feliz de muita prosa,
Compreenda que nem tudo será rosa:

Haverá que sofrer algum tormento,
Pois as pessoas veem nesta poesia
Sentimentos de pura hipocrisia.

III — P'ra valer

Não quero ir além nesta procura
De versos que se estimem muito bons,
Já que estou vendo a coisa muito escura
Perante o compromisso destes sons.

Mas como tenho tido esta ventura
De muito deleitar com meus bombons,

Aceito o desafio da conjuntura,
No derradeiro verso destes tons.

Agora fica fácil — acreditem —
P'ra compor os tercetos que se seguem,
Pois muitas são as rimas que se prestam.

Espero que a primeira que me ditem
Não tenha o pessimismo dos que neguem,
Pois são só estes termos que me restam.

3

TREINAMENTO APURADO

Diz o médium p'ra esperar
Que se assente o pensamento,
P'ro ditado começar
E manter seu seguimento.

Não temos muitas histórias
De fatos bem sucedidos;
Aguardemos as vitórias
Destes ritmos atrevidos.

Enquanto isso, saltamos
Dum versinho sem sentido,
Para outro que julgamos
Bem melhor desenvolvido.

Não se contenta conosco
Nosso médium conhecido,
Por ter enfrentado enrosco,
Com seu despacho atrevido.

Aos poucos, vamos formando
Os conceitos principais,
Um a um assimilando,
Não mendigando jamais.

Precipitemos as rimas;
Façamos versos felizes;
Conquistemos as estimas;
Lancemos nossas raízes.

Caso haja atrevimento,
A ponto de não dar certo,
Pensaremos um momento:
Pregaremos no deserto.

Existe certa verdade
Nas rimas que se apresentam,
Pois trazem felicidade:
Não são festas que se inventam.

Por outro lado, os versinhos
Se fazem com perfeição:
São rosas com seus espinhos;
São flores que caem ao chão.

Já me sinto bem seguro
Desta estrofe dominar;
São as fumaças dum *puro*
Que se evolam pelo ar.

Falta agora um bom assunto
Tentar aperfeiçoar,
P'ra não fundir o bestunto

De quem só quer ajudar.

Fez bem o nosso irmãozinho
Ao se apresentar de novo;
A galinha volta ao ninho,
Ao pressentir outro ovo.

Sabemos que são imagens
E o que é linguagem pura;
Carreguemos nas mensagens;
Sofreemos a figura.

Se fosse nossa poesia
Apenas um dom artístico,
Para cada melodia,
Faltaria ensino crístico.

Mas como queremos dar
A impressão dum ser perfeito,
É preciso carregar
Nos termos que levam jeito.

Deixemos de lado as rosas,
Separemos os espinhos;
As rimas serão formosas,
Se tratadas com carinhos.

Aos poucos, vamos firmando
Os temas mais importantes;
Sob um seguro comando,
Os versos ficam soantes.

Qualquer dia, chegaremos

A falar de Jesus Cristo,
Para dizer-lhe que temos
Grande amor ao fazer isto.

Por enquanto é treinamento,
Mera poesia dum dia,
Levada ao sabor do vento,
Desfeita na ventania.

Querido diário meu,
Eis bem aqui no que deu
Todo este atrevimento:
Estou com fome de versos,
Mesmo que sejam perversos,
Para expor meu sentimento.

Assim o dia vai indo,
Ora feio, ora lindo,
Mas sempre com emoção;
Vou tirar minha casaca,
Vou curar minha ressaca,
Vou de amor no coração.

Compreendo que o nosso amigo
Se sinta feliz comigo,
Quando tudo corre bem;
Porém, mantenha a esperança,
Se hoje a gente se cansa,
Volte amanhã, que aqui tem.

Preciso continuar
Mais um pouco esta poesia:
'Tá na hora de rezar

P'ra agradecer este dia.

Querido Senhor Jesus,
Encha-nos com sua luz,
Faça-nos agradecidos:
Precisamos ser ouvidos
Pelo Pai no Infinito
Ao lançar o nosso grito,
Confirmando todo o amor
Pelo nosso Criador.

Ao querido Wladimir,
Minha palavra final:
Espero que vá dormir,
Sem me querer muito mal.

Mas agora a coisa é séria:
Foi-se o dia da miséria,
Da claridade sem sol;
As aves tornam aos ninhos,
O amante produz carinhos,
Já se joga futebol.

Se meu cálculo não erra,
Acabou-se a nossa guerra
O verso já sai perfeito;
Isto posto, ato contínuo,
Num defeito descontínuo,
Descontínuo o defeito.

Vamos parar de brincar,
Com esta felicidade,
Posto saibamos que amar

Costuma deixar saudade.

Tomarei a iniciativa,
Vou parando por aqui;
Minha saudade está viva,
Pelo tempo em que vivi.

— *Good bye!* —, caro afilhado,
Estou deixando-o na mão,
Mas não vá ficar irado:
Você tem meu coração.

4

À BUSCA DE REDENÇÃO

Neste início de trabalho,
Eu desejo confirmar
Que entrarei por um atalho,
Em minh'arte de rimar.

*A sofrer, sozinho, à noite,
Mais rancor encontro eu lá:
Ouço o estalar dum açoite,
Que nunca ouvi eu por cá¹,
E gritos de desespero
A demonstrar que meu norte,
Logo após a minha morte,
Não serenou o entrevero.*

Precisei peregrinar
Nesses tristes pesadelos,

¹Trilha o Espírito a senda aberta por Gonçalves Dias, em sua *Canção do exílio*:

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá[...]
Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá[...]

Esquecendo o verbo amar,
Por não poder mais contê-los,
Porquanto eu era o primeiro,
Estando sempre presente,
Sem estar muito contente
Com meu carma de mineiro.

Sofri rudes desatinos,
Lembrei-me dos tempos idos:
Brincava junto aos meninos,
Com gestos mui atrevidos,
E já não era inocente,
Pois, de tudo o que eu fazia,
Dava sempre primazia
Ao gozo mais indecente.

Se trago agora à lembrança
Estes fatos tão perversos,
É p'ra deixar a esperança
Registrada nestes versos,
A todos os meus leitores,
Pois nem tudo está perdido,
Embora, não resolvido,
Tenha ficado co'as dores.

Lamento o arrependimento
Que se fez insuportável,
Mas se não fosse o tormento
Da cura pouco provável
Das dores que suportei,
Não estaria eu agora
Querendo acalmar quem chora
Por esse exemplo que dei.

Sufrimento e mau destino
São fatos que juntos andam;
Diante do desatino,
São os pesares que mandam,
Se uma infeliz entidade
Tiver deixado bem claro
Que um amor é muito raro,
Perante a sua maldade.

Agora tenho somente
Que bendizer a virtude
Deste leal escrevente,
A quem pedi que me ajude,
Pois de mim se apiedou,
P'ra me deixar confessar
Que tenho de conjugar
O verbo *amar* com *quem sou*.

Mas estou feliz da vida,
Neste momento de amor
Em que recebo guarida,
Em todo o seu resplendor,
Deste grupo socorrista,
Que me tem muito respeito,
Embora traga no peito
Um coração de arrivista.

Sinto, contudo, o desprezo
Que me brota da consciência,
Pois ainda tenho o vezo,
Sem ter nenhuma paciência,
De me dar forte tormento,

Tendo na mente o que fiz,
Como ainda quem não quis
Livrar-se do sofrimento.

Mas vejo a hora chegada
De me esquecer destas dores,
Ainda que seja um nada,
Ou quase nada de amores
Que me venham socorrer,
Mantendo meu coração
Com suave pulsação,
Na sensação de viver.

Não vá me deixar na mão
Na hora da despedida;
Vou fazer uma oração,
P'ra deixar agradecida,
Com muito forte emoção,
A poesia a que dei vida,
Transpondo a espessa muralha
Das névoas desta mortalha.

A Jesus vou, finalmente,
Renovar o meu pedido
De resguardo desta gente,
Que este pão tem repartido,
P'ra me sentir com valor
E me dar felicidade,
Eliminando a maldade,
Em puras ondas de amor.

5

TESTANDO AS LICENÇAS POÉTICAS

Desafia-me o escrevente
A que lhe faça algo bom,
Para deixá-lo contente,
No fundo do coração.

Entretanto, eu já prefiro
Parecer equidistante,
Para manter meu retiro,
Com sabor bem refrescante.

Parece pasta de dente
Isso que acima escrevemos.
Fica triste este escrevente,
Pelas trovas que fazemos.

Gostaria ele de ver
O tempo com mais proveito,
Mas precisa compreender
Que estamos aqui sem jeito.

O que é fácil para nós
É repetir os versinhos,
Com rimas que não dão nós,
Nem precisam de carinhos.

Sendo assim, eternamente,
Vamos ficar por aqui,
Estando sempre presente
O trejeito do sagui.

Esse bichinho que pula
Deste galho para aquele,
Já que tem imensa gula
De sempre ficar na dele.

É preciso compreender
O cotejo que fizemos,
Para ser possível ver
As razões que sempre demos.

Os textos do dia vão,
Bem aos poucos, se fixando,
Mas não em seu coração,
Com resultado nefando.

Faríamos bem melhor,
Se desistíssemos logo?
Talvez fosse bem pior,
Pois nesse *time* eu não jogo.

Vamos só testando as rimas
Que se aprestam de repente,
Para entender estes climas

Que doem na pele da gente.

Completado o treinamento,
Seguiremos bem felizes.
O que vem, em seguimento,
Mostrará fortes raízes.

Pedimos, pois, ao amigo
Que trabalhe sem desânimo,
Que não rompa o fio do umbigo
Que nos alimenta o ânimo.

Às vezes, não tem a rima
Um futuro surpreendente,
E apelamos para o clima
Que fere a pele da gente.

Veja só que bonitinhos
'Tão ficando estes versinhos,
Mimosos, bem mimosinhos,
Cheios de diminutivos.
Parece até que esta gente
Que atormenta este escrevente,
Dando ares de contente,
Não tem sentimentos vivos.

Não só fazemos a crítica
Como também censuramos;
Se não for boa política,
Os versinhos completamos.

De qualquer modo, o escrevente
Vai tirar de letra tudo,

Pois que devolve p'ra gente
Toda forma e conteúdo.

Sentimos não dar prazer,
Neste treino diuturno:
Seria melhor de ver
Que esse jeitão tão soturno.

Perdoe-nos os gracejos:
Foi a forma que inventamos,
P'ra rimar os seus desejos,
Co' o treino que propiciamos.

Por outro lado, queremos
Conhecer as liberdades
Destes poemas que vemos
Tão cheios de qualidades.

Queremos também dizer
Da nossa facilidade
De o metro estabelecer,
P'ra nossa felicidade.

Sabemos contar as sílabas,
Escandindo bem os versos;
Mas as rimas atrapalham,
Em alguns finais perversos.

Seremos originais,
Repetindo os mesmos sons?
Só nos versinhos que tais,
Em que se ouvem ronrons.

O médium deseja ver
O que podemos fazer,
Se algo formos dizer,
Com responsabilidade.
Eis aí o desafio,
Porquanto algo mais bravio
Nos ameaça o navio,
Em meio da tempestade.

Que lhe parece, amiguinho?
Você se sente sozinho,
Ou percebe, de mansinho,
A presença desta gente?
Não vamos dizer besteira,
Não seguiremos na esteira
De quem esteja na beira
De fazer algo indecente.

Pois só temos compromisso
De apresentar o serviço
Deste treino. E é só isso
Que prometemos fazer.
Se quiser algo mais sério
Que tumbas no cemitério,
Que cego no eremitério,
Não ficaremos p'ra ver.

A vida é algo terrível
Que assusta bem muita gente;
Não será, portanto, incrível
Quem se mostre sorridente,
Trazendo na dentadura
Quatro falhas bem na frente?!...

Ao chegar a despedida,
Vamos fazê-lo sem riso:
Seria de pouco siso
Desrespeitar sua vida.

Mas queremos um sorriso
Que deixe bem comovida
Esta gente tão querida,
Que lhe deixa tanto aviso.

Sem mostrar ouvidos moucos,
Nós faremos ir, aos poucos,
Esta sua inspiração.

Que Deus mande, com carinho,
Bênçãos que encham seu ninho
De amor, de luz, de canção.

6

VERSOS ZOMBETEIROS

A defesa deste irmão,
Que não tem dado trabalho,
Fazemos de coração:
É madeira para entalho.

Já chega de sutilezas,
Doutra forma me embaralho.
Deixemos de profundezas:
Belo terno em seu bom talho.

Choraminga este escrevente
Do que ele chama retalho,
Acusando minha gente
De só servir de espantalho.

Pois vou dizer-lhe somente,
Entrando por um atalho,
Que não espere da gente
Muito tempero: só alho.

Que rima mais insistente:
Desse recurso eu me valho,
P'ra tornar mais consistente
O poder deste meu ralho.

Sinto muito, bom amigo,
Se insistimos neste malho;
Mas, se for brigar comigo,
O sino eu já não bimbvalho.

Só vou experimentando,
Para ver onde é que encalho,
Neste som pouco nefando,
Quando rima com orvalho.

Se você está cansado,
Encostado no carvalho,
Procure mudar de lado:
Neste conselho não falho.

Não vá pensar que tão logo
Quebraremos o seu galho;
Dessa maneira é que jogo
As rimas que cedo espalho.

Não fazemos exercícios
Nesta espécie de assoalho,
Pois rimar é um dos vícios
Que soam como chocalho.

Não vá pensar que esgotei
Todos os termos em *-alho*;
Já que vexame não dei:

Tão cedo não me atrapalho.

A pedido do escrevente,
Que em tudo vê rebotalho,
Eu vou parar, finalmente,
E voltar ao meu trabalho.

Bem certo como, na vida,
Há dias maus e felizes,
A turma está comovida:
A rima lança raízes.

Por isso, caro escrevente,
Não fique a ralhar co'a gente
E não seja indiferente,
Por não sermos grandiosos;
Qualquer hora, conseguimos
Chegar dos versos nos imos
Como dos montes nos cimos,
Usando termos preciosos.

P'ra isso, será preciso
Que criemos mais juízo,
Não perdendo o paraíso,
Evitando uma desgraça;
Deliberando firmar
O desejo de voar,
Como as aves pelo ar,
A rimar com muita graça.

Está bem curto o exercício,
Nesta tarde mui fagueira;
É que é fortíssimo o indício

Duma grande brincadeira.

Mas, antes que o nosso amigo,
Se separe desta mesa,
Ralhando muito comigo,
Vou lhe deixar a certeza
Que com você eu não brigo,
Pois a vida é uma beleza,
Principalmente se vem
Cheia de amor e de bem.

Só vamos agradecer
A quem tem sido gentil,
Não deixando de fazer
Uma prece varonil,
P'ra demonstrar bem-querer
Aos amigos do Brasil.

7

A HORA DA MORTE

Quando é chegado o momento
Do nosso desprendimento,
Na partida para o etéreo,
Ficamos arrependidos
Dos tempos tão mal vividos,
Temendo o grande mistério.

Se temos algum parente
Que partiu na nossa frente,
Para ele é que apelamos;
Embora de rabo preso,
A sentir o corpo teso,
Alguma graça esperamos.

Já começa a despedida,
Num suspiro vai a vida,
Mas bem presos são os laços;
As lágrimas que escorreram
Alguns pontos corroeram,
Mas não se soltam os braços.

O bom amigo evocado
Vem postar-se ao nosso lado,
Querendo prestar socorro;
Suas preces são ouvidas:
Chegam equipes saídas
Do mar, da mata, do morro.

Mas nos grita a consciência:
— *É preciso ter paciência!* —,
Pois fizemos algum mal.
Esquecidos da verdade,
Praticando a caridade,
Os guias nos dão moral.

O pranto vem convulsivo,
O sofrimento é bem vivo,
Atinge-nos o remorso;
Perpassam pela retina
Os fatos de nossa sina,
Um a um, em longo curso.

Se alguma ação foi bem boa,
Se não vivemos à toa,
Vão soltando-se esses laços;
Mas se vemos algum crime,
Algo que nos desanime,
Aumentam os embaraços.

Se a crise for muito grande,
P'ra que a ajuda não desande,
Concentram-se em oração,
Para receber auxílio,

Reunidos em concílio,
Do bom anjo guardião,

Que chega bem preparado,
Com o dossiê do lado
De tudo o que o moço fez;
Se forem crimes perversos,
Os climas serão adversos,
Os nós se apertam de vez.

Mas se se teve o cuidado
De dar ao necessitado
Comida, abrigos e amor,
Os nós logo se desfazem,
Os amigos se comprazem:
Aquele ali tem valor.

Solicito aos amiguinhos
Que estendam os seus carinhos
Aos irmãos com quem se lida,
Pois, quando chegar a hora,
De se arrumar p'ra ir embora,
Irão felizes da vida!

Se nos pedirem um nome,
Para pôr depois dos versos,
Não vai ter nenhum renome:
Somos autores diversos.

Se fizemos uns versinhos,
Nada disso tem valor;

É muito mais importante
Mitigar alguma dor.

Vem-nos daqui a esperança
De que algum caro leitor
Guarde fundo na lembrança
Um sentimento de amor.

Por isso, bons amiguinhos,
P'ra que se evitem espinhos,
Que são próprios destas flores,
Procurem ser bem cordatos,
Não relacionem os fatos
Em brancos, negros e em cores.

Vejam colorido o mundo:
O céu dum azul profundo,
O mar verde a reluzir,
E as pessoas complacentes,
Com as auras resplendentes,
Eternamente a sorrir.

Não quero deixar a casa
Do nosso amigo escrevente,
Sem dele me despedir;
Embora não tenha asa,
Sempre voo bem contente,
P'ra abraçar o Wladimir.

E, no fim de tudo isto,
Agradeço a Jesus Cristo
Toda ajuda aos versos meus;
P'ra que chegue à perfeição,

Vou pedir de coração
As bênçãos que vêm de Deus.

Vou dando *chá de sumiço*,
Pois já prestei meu serviço,
P'ra honra do socorrismo;
Mas como não sou poeta,
Fico a jogar minha seta
Provocando terrorismo.

Assim dou por terminado,
Um pouquinho atrapalhado
Com os temas deste dia,
Porém, vejo que esta rima
Já um pouco se aproxima
Da exigência da poesia.

Com isto fica contente
O nosso caro escrevente,
Mais toda esta nossa gente,
Que se exulta de alegria;
Mas, olhando no futuro,
Lá no horizonte, eu procuro,
Um luzir de ouro mais puro:
É onde vive a Poesia.

8

INTEGRAÇÃO COM O MÉDIUM

Diz-nos o nosso escrevente
Não estar em condições
De servir a esta gente
Que vem dar suas lições.

Entretanto, é evidente
Que, com uns poucos senões,
Deixou a turma contente,
Para inferir conclusões.

Eis aqui algum versinho,
Feito com muito carinho
E alguma dificuldade;

Mas tudo é bem compreensível,
Já que seria terrível
Ser tudo de qualidade.

Caso queira prosseguir
Apanhando estes ditados,
Caro amigo Wladimir,
Estamos bem preparados.

Todos estão animados
Co'a decisão de seguir:
Vamos ter muitos cuidados,
P'ra Doutrina não ferir.

O que é certo, sem perdão,
É que vamos defender
Os direitos deste irmão,

Já que nos queremos ver
Dentro de seu coração,
Com enorme bem-querer.

Frutificam nossos versos
Além de simples quadrinha;
Sendo os temas bem diversos,
As ideias vêm asinha.

Os sonetos são perversos:
Galos que brigam na rinha;
Mas perpassam universos,
Quando a Musa é bem mansinha.

Será preciso paciência,
Até encontrarmos a rima,
Como nos casos acima;

E também muita obediência,
Para que não aconteça
Que tudo desapareça.

Foram três sonetos lindos,
Que fizemos num repente:
Os prazeres são infindos,
Quando se alegra esta gente.

Preste atenção o escrevente,
Porque os dias já são vindos
Destes testes excelentes
Se tornarem versos findos.

Mesmo que tudo pareça
Trabalho bem colossal,
Queremos que não esqueça,

Ao vir alguém genial,
Ser essencial que ofereça
Uma presença sem mal.

Ao Senhor, que está nos Céus,
Deixamos, em despedida,
Nossas lágrimas de adeus:
Somos felizes na vida!

9

SAUDADE DE VERSEJAR

*Pai nosso, que estais nos Céus,
De nome santificado,
Venha a nós o vosso reino
E feita a vossa vontade.
Dai-nos o pão deste dia
E perdoai nossas dívidas,
Conforme nós perdoarmos.
Livrai-nos das tentações
E de todo o mal, também,
Porque vosso é esse poder,
No reino e na glória. Amém.*

Não queremos melhorar
Dizeres que são perfeitos:
Desejamos é treinar
Nossos versos tão sem jeitos.

Eis aí uma quadrinha

Feita num soprar de vento;
Vem mais uma, que se alinha,
P'ra avançar no treinamento.

Vamos ver se conseguimos
Ir bem depressa ao final;
Mas para dizer que ouvimos:
— *Que perfeição! Nada mal!*

Como não teremos jeito,
Fazendo algumas facécias,
Abramos o nosso peito
Para estas rimas bem néscias.

Se for o nosso objetivo
Meras palavras rimar,
Não seja o irmão muito ativo:
Basta não atrapalhar.

Mas, se tivermos assunto
Muito sério, de importância,
É bom ter quem sofra junto,
P'ra repartir a ganância.

Às vezes, muito fazemos,
Outras tantas, flutuamos:
Neste caso, pega os remos
Quem nos tem como seus amos.

Está servindo este teste
Muito bem para o trabalho;
Esperamos que inda reste
Quem nos sustente este malho.

Nem é preciso dizer
Desta alegria tremenda:
Encontramos bem-querer
E médium que nos compreenda.

Por isso, vamos seguindo
Nestes versos tão fresquinhos,
Buscando deixar bem lindo
O poema dos treininhos.

Usamos diminutivos;
É bem fraca a nossa rima:
Mas são versos afetivos
De quem nunca desanima.

Se tivermos a paciência
De aguardar só um momento,
Com um pouco de obediência,
Acabamos co' o tormento.

Eis que demos a notícia
Que tínhamos para dar;
Fizemo-lo sem malícia,
Falta agora confirmar.

Será preciso, p'ra isso,
Abrir nosso coração
E cumprir o compromisso
Que temos com nosso irmão.

Eis que o sinal está dado,
Nestas quadras que se estendem;

Mas tomaremos cuidado
No indicar para o que tendem.

Estaremos de regresso
Dentro de uns poucos momentos;
É evidente o bom progresso
Destes nossos treinamentos.

Por isso, não temos pressa,
Nesta tarde tão gentil:
Perfeição não há quem peça,
Nestas plagas do Brasil...

Tendo feito um bom rateio,
Coube-me ditar os versos;
Com eles não me chateio:
Há trabalhos mais perversos.

Ao contrário, é divertido,
Quando acerto esta escansão;
Não quero ser atrevido,
Mas não me atrapalho, não...

Na Terra, um dia acertei
Algumas rimas fagueiras;
Mas o mais que ali deixei
Foi um batalhão de asneiras.

Por enquanto me acho bem,
Depois dum bom pelejar;
Da vaidade fiquei sem,
Por isso é fácil rimar.

Em matéria deste treino,
Jamais me vou preocupar:
É nestes campos que eu reino,
Sem súditos p'ra amolar.

Vou parar as besteirinhas,
Pois já começo a cansar;
Sou escravo das quadrinhas;
Mas não lhe quero obsedar.

Ao começar com uns versos
Com conceitos da Doutrina,
Já não estarão dispersos
Os cabelos da menina.

Só vou pôr numa quadrinha
Sentimento poderoso:
É todo poder que tinha,
No caminho pedregoso.

É que desejo falar
Dum gesto de caridade;
É preciso muito amar,
P'ra que seja de verdade.

Lamento não ter talento,
Para essas coisas mais sérias;
Mas vou ficar ao relento,
P'ra eliminar as misérias.

Pergunta-me o caro médium
Que farei eu ao sereno.
É p'ra não morrer de tédio,

Pois é local mais ameno.

A insistir ele comigo,
Não hesita em perguntar
Se, quando nervoso, eu brigo,
Ou prepondera o calar.

Pois o nosso caro amigo
Devia ter concluído,
Pelo conselho que sigo,
Que a calma não hei perdido.

Que lhe sirva de lição,
Esse exemplo que lhe dei;
Me brotou do coração:
Por um momento, fui rei.

Quero agora concluir,
Deixando abraço apertado
Ao querido Wladimir
E aos amigos deste lado.

Este aqui que lhes falou
Muito a medo vem dizer
Que seu nome não deixou
Seu caro amigo escrever,
E é o bom conselho que dou
P'ra se alcançar bem-querer.

Resta agora agradecer
Esta paciência de todos,
P'ras rimas que vim fazer,
Que bem merecem... apodos.

Ao Pai do céu, finalmente,
Deixo aqui o meu pedido:
Olhai por toda esta gente
Que tão boa me tem sido!

10

DISSECANDO OS VERSOS

Raiava o Sol no horizonte,
A escuridão se perdia:
Se não existir quem conte,
Conto eu, nesta poesia.

Eis-nos aqui novamente,
Para fazer uns versinhos;
Trate-nos, pois, o escrevente
Com muito amor e carinhos.

Sabemos ser divertido
Ficar a escrever à toa
Algo que tenha sentido
E, no final, inda entoa.

Queremos dizer com isso
O que bem sabe o escrevente:
Atendendo ao compromisso,
O malho ficou co'a gente.

Fica alegre o nosso amigo,
Satisfeição da vida;
Não se preocupa comigo,
Ao vir ou na despedida.

Às vezes, dou-lhe trabalho,
Na métrica dalguns versos,
Se as sílabas embaralho,
Ou com finais controversos.

Estava ele contente,
Até a quadra anterior,
Mas aí ficou descrente
De haver, nos textos. valor.

Claro que nem tudo chega
Perfeitíssimo e completo:
Até p'ra que cante a pega,
Há quem deixe o bicho cego.

Você pegou o sentido
Que demos ao pensamento,
E perguntou ao ouvido
Se lavramos mais um tento.

Dessa forma, mais um verso
Se acrescenta aos anteriores;
Pode chamá-lo perverso,
Se lhe causou muitas dores.

Mas se as rimas aparecem,
Se desenvolvem e crescem,
Tendo sentido no fim,

Ninguém aqui se aborrece,
Ao contrário, até parece
Que confiam mais em mim.

Se o verso nasce perfeito,
Se a rima vem de mansinho,
Quer dizer que temos jeito:
Somos aves no seu ninho.

Recebamos o convite
Com fé e muita coragem,
Que nossa Musa se excite
Diante de nossa imagem,
Pois a hora é chegada
De complicar a parada.

O nosso bom amiguinho
Vai escrevendo somente,
Recebendo com carinho
As ideias desta gente,
Por isso diz corajoso:
— *Eis-me aqui, forte e gostoso!*

O sentimento é saudável,
Pois lhe mostra claramente
Que este grupo é confiável,
O que o texto não desmente,
Entretanto, é bem preciso
Que demonstremos juízo.

Sai mui fácil este verso,
É simples a nossa rima;
Estrelas são no Universo,

No limeiral, uma lima,
Mas o sentido que têm
Só se ajusta neste trem.

Para termos mais sucesso,
Precisamos compreender
Que é contínuo o progresso,
Que só cresce o bem-querer,
Que p'ra fazermos poesia
Há que se ter harmonia.

Assim, aumenta o desejo
De fazer algo bem sério,
Como os poemas que vejo
Saídos desse mistério
Do país da inspiração,
A nos encher de emoção.

Precisamos estudar
Algum ponto doutrinal,
Algo bem elementar,
Mas que soe natural,
Pleno de simplicidade
P'ra dizer com humildade.

Teria já começado
Essa fase da poesia,
Ou achamos engraçado
O som desta melodia,
Algo que tenha falhado,
A perturbar a harmonia,
Embora seja uma oitava
Esta casa em que habitava?

Sintam que estamos tentando
Mudar de cara e de rumo:
Apesar de algum desmando,
Nosso verso segue o prumo,
E nosso assunto está dando
P'ra conseguir um resumo,
E as nossas rimas conformam
Os temas que se transformam.

Vai chegar o nosso dia:
É forte o pressentimento.
Aumenta nossa alegria,
Diminui nosso tormento.
Já se dilui a poesia,
Nos prantos do sentimento.
A forma se aperfeiçoa
E o pensamento já voa.

Talvez nos falte o segredo
Duma experiência de vida,
Um fato como o degredo,
Que nos torna a alma sentida,
Que nos engrandeça o medo
Dalguma dor presumida,
Que nos fixe o pensamento
E perturbe o sentimento.

Vai ser ainda preciso
Dar valor à inteligência,
Compreendendo o seu aviso,
Como norma de prudência,
Já que é preciso ter siso,

Caso haja resistência:
A poesia há de fluir,
Quando a mente progredir.

Achava fácil o verso,
Diferente da poesia:
Se aquele era mais perverso,
Esta não pode ser fria.
Isto parece o reverso
Do que há instantes eu dizia:
Pensei fazer as quadrinhas,
Só preenchi várias linhas.

Vejam só no que tem dado
Todo este treinamento:
Se não tomarmos cuidado,
Poremos em julgamento
O que está metrificado,
Sem muito discernimento,
P'ra concluir, finalmente,
Que é preciso ir em frente.

Ficou com medo o amiguinho
De que eu fosse condenar
O que, com tanto carinho,
Pôde ele coordenar,
Tendo vindo de mansinho,
Chegando a aperfeiçoar,
Guardando bem na lembrança
Todos os passos da dança.

Quisemos vê-lo sorrir,
Como o gordo Sancho Pança,

Quando via refletir
O Dom Quixote da Mancha,
Pois o nosso Wladimir
Tanto verseja e não cansa,
Provando que à persistência
Deve-se unir a paciência.

São tantos os nossos versos,
Estrelas nos universos,
Perdidas na escuridão.
O que estamos sugerindo
É que só poema lindo
Obterá divulgação.

Por isso, bondoso amigo,
Mantenha sua esperança
De abandonar este abrigo,
Pois, ao surgir a bonança,
Passou o grande perigo
— Pois o medo também cansa —
Que acompanha a tempestade:
Refleta nesta verdade.

Queremos agradecer
A recepção que tivemos:
Foi agradável de ver
Registrar o que dissemos,
E sentir o bem-querer,
Pelos informes que demos.
Acredite, bom amigo,
Que pode contar comigo.

Mas não pense que outra gente,

Ao conhecer os poemas,
Aja diferentemente
Dos ditados dos seus lemas,
Pois o que se tem na mente
Se divide em vários temas,
Dentre todos, o mais caro
É demonstrar ser avaro.

Vamos encerrar dizendo
— Já que o assunto é muito sério —
Que estamos bem compreendendo
Destes temas seu mistério,
E que não basta ir mantendo
Defuntos no necrotério:
Tendo havido a exumação,
Dê-se a tal dissecação.

Eu elevo o pensamento,
Na hora da despedida,
Pedindo a Nosso Senhor
P'ra que nos cubra de amor,
E que seja o fundamento
Desta nossa curta vida,
P'ra que, na hora do adeus,
Fiquemos nas mãos de Deus.

11

SEM BURILAMENTO

Comecemos devagar,
P'ra não ser grande seu susto:
Conjugando o verbo *amar*,
Diminuiremos o custo.

Damos bola p'ra torcida,
Sempre que existe o desejo
De nos enchermos de vida,
Ao toque do realejo.

Todos queremos saber
O que o destino nos reserva:
Periquito, vem trazer
Sapiência de Minerva.

Se viemos devagar,
Já é hora de aumentar
A sua velocidade.
Não queremos assustar,
Mas, se isso for custar,

Coloque cumplicidade.

Os termos com que tratamos
Os assuntos da poesia
São os mesmos com que damos
À prosa sua harmonia,
Mas é preciso saibamos
Ser bem outra a melodia
Que canta, com emoção,
A vida do coração.

Se não tivermos sucesso,
Faremos qualquer gracinha:
Não mais haverá progresso,
Porém, haverá quadrinha.

O nosso tema do dia
É difícil p'ra chuchu,
Já que falar de poesia
Não é para *brucutu*.

Eis o exemplo definido
Do que tínhamos em mira.
Terá o irmão percebido
Como é que tange esta lira?

Aos pouquinhos, as palavras
Se ajustam perfeitamente:
São diamantes nas lavras,
Gemas, nas mãos do escrevente.

Mas já estamos satisfeitos
Com estas preliminares:

Estando os versos perfeitos,
Vão-se tornando exemplares.

Entretanto, a nossa lida
Não termina por aqui:
Consideramos cumprida
Só metade do rali.

É bom levar o escrevente
A pensar junto co' a gente
A respeito dos problemas:
Na hora da solução,
Havendo mais emoção,
Melhoram nossos poemas.

Mas o nosso compromisso
É terminar o serviço,
Sem deixá-lo angustiado.
Deve, sim, sentir o gosto,
Estando o poema posto,
Dum sabor edulcorado.

Nem é brega, nem é chique,
Nem deve causar chilique,
Ao levantar a poeira:
Fiquemos, humildemente,
Ao lado de toda a gente
Que gosta de brincadeira.

Mas, se o assunto for mui sério,
Coisas lá do cemitério,
A causar assombração,
Arregacemos as mangas,

Acomodemos as cangas,
Acordemos a emoção.

Existe um certo mistério,
Ao se tanger o saltério,
Que nos enche de saudade,
Pois são formas primitivas
De nos porem bem ativas
As lembranças doutra idade.

São nossas recordações
Tão só reverberações
Das venturas doutras eras.
O que nos cala no peito
Deverá ter outro jeito:
Promessas doutras esferas.

Se este meu querido amigo
Desejar aqui parar,
Irá saber que eu não brigo:
É muito grande este mar.

Havemos de ser felizes,
Pois já lançamos raízes
Dentro de seu coração.
Amanhã é outro dia
P'ra treinar nossa poesia,
Com muita satisfação.

Quando Deus criou o mundo,
Não o fez em um segundo:
Tudo brota devagar.
Da mesma forma, esta vida

Só pode ser compreendida,
Se conseguirmos amar.

Aproveitei este ensejo,
A partir desse desejo
De suspender o ditado,
P'ra prosseguir destemido,
Neste trabalho envolvido,
Mas tendo muito cuidado.

Improvisar é preciso,
Mas é preciso juízo
P'ro verso não desandar.
Se formos só sentimentos,
Ficarão os pensamentos
Completamente no ar.

O bom irmão que perdoa,
De todos nós se condoa,
Por termos voltado ao tema.
Não que sejamos teimosos,
Tampouco somos vaidosos:
Persistir é nosso lema.

Chegará ainda o dia
Em que faremos poesia
Digna de todo respeito.
O nosso verso de agora
É diamante que esplendor
Somente dentro do peito.

Eis que esta felicidade
Vai encher-nos de saudade,

Quando a vida terminar.
Aí nos recordaremos
Do peso dos nossos remos,
Ao enfrentarmos o mar.

É um pouco a contragosto
Que deixamos nosso posto,
Ao se encerrar este dia.
É que, ao falar de saudade,
Recordamos outra idade
Em que a vida era poesia.

Derramamos nosso pranto,
Agora cheios de espanto
Dessa emoção sorradeira.
É que a poesia era vida,
Num'alma que foi ferida
Por uma dor verdadeira.

Não faz mal, caro irmãozinho,
Receba-nos com carinho,
Mesmo co'a rima imperfeita.
É que, p'ra fazer poesia
Com melodiosa harmonia,
Só a dor tem a receita.

Vemos que seu interesse
Prendeu-nos hoje conosco:
Para se livrar do enrosco,
Nosso preço há de ser esse.

Já nos vamos despedir,
Convencendo o Wladimir

Que deve amanhã voltar,
Encerrando os nossos versos
Co'aqueles termos perversos
Que sempre devem rimar.

Rogamos a Jesus Cristo
Que nos ajude com isto,
Nos mandando inspiração,
P'ra que nosso pensamento
Se eleve neste momento,
Tendo Deus no coração.

Sabemos que a despedida,
Para ser bem comovida,
Tem de dar satisfação,
Mas não por causa do adeus,
Mas porque, perante Deus,
A verdade é emoção.

Vamos, assim, encerrando,
Co'o coração festejando
Esta participação,
Embora com rimas fáceis,
Com versinhos pouco gráceis,
Mas sorrindo, com razão.

12

PONDO AS MANGUINHAS DE FORA

Estou um tanto confuso,
Neste começo de dia:
Giro que nem parafuso,
Trepido que nem tupia.

Tenho, porém, a missão
De ditar alguns versinhos.
Fá-lo-ei de coração,
Em versos pequenininhos.

Diminuí tanto os versos
Que estou dando a impressão
De que tenham sido imersos
Em especial solução,
Com resultados perversos:
São carros na contramão,
Correndo na disparada,
Perigosos e mais nada...

— Que perigos vejo aí? —

Pergunta-nos Wladimir,
Sempre muito preocupado.
Pois é justamente isso:
A quebra do compromisso,
Por mantermo-lo afastado.

Sempre que está provocado,
O caríssimo escrevente
Põe a sisudez de lado
E diz p'ra toda esta gente
Que, conquanto preocupado,
Vai escrever, simplesmente,
Indiferente ao assunto,
Desde que fique aqui junto.

Conhecemos bem o tipo
Do fanatismo do médium,
Que, para não sentir tédio,
Nos aceita o desafio,
E, quando diz: — *Eu engripo* —,
É porque se sente só,
A jogar os grãos na mó,
Ou a navegar no rio.

Por isso, me comprometo
A servi-lo com ternura,
Nesta intenção toda pura,
Na rima em que me complico.
Não diga que me intrometo,
Porque estes versos são meus
E eu juro, perante Deus,
Que à poesia me dedico.

Essa oitava logo acima
Não só pecou pela rima
Mas no sentido dos versos:
Foi um exemplo que dei
P'ra que se conheça a lei
Dos julgamentos diversos.

Não ficou claro o sentido
Da sextilha mais acima.
Não foi problema da rima
Mas da sequência dos versos.
Respondo, pois, ao pedido
Para expor mais claramente,
Que foi causa este escrevente
Daqueles versos perversos.

— *É p'ra frente que se anda!* —,
Diz-nos o irmão instrutor,
P'ra que enfrentemos a dor,
Amainando estes tormentos,
Pois, quando a estrofe desanda,
Nosso mundo se partiu
E o poeta se feriu:
São dores e sofrimentos.

São bons estes exercícios
Para testar a firmeza
Do pessoal desta mesa,
Perante seus insucessos.
Mas evitemos os vícios,
Ajamos com a consciência,
Tenhamos muita paciência:
Logo virão os progressos.

Está o amigo tranquilo,
Percebendo com que força
Vamos pôr rima que torça
As suas desconfianças;
Sem ter certeza daquilo
Que produzimos num átimo,
Vai ficando sorumbático,
Vai perdendo as esperanças.

Mas nem só de brincadeiras
Vai vivendo a nossa gente:
Se o assunto é diferente,
Pomos manguinhas de fora,
Pois, para dizer asneiras,
Basta um pouquinho de verve
(Casca grossa não nos serve)
E a estrofe se faz na hora.

Mas nosso médium resiste:
O que p'ra nós é gracejo,
P'ra ele vai ser o ensejo
De nos prestar um serviço.
P'ra que, então, não fique triste,
Tome só mais um golinho
Daquele nosso bom vinho,
Que lhe dará novo viço.

Sabemos ser, finalmente,
Esta estrofe a derradeira,
Que, em cotejo co'a primeira,
Está levando vantagem.
Fica alegre o escrevente:

Mais um dia se passou,
Que ele mui bem registrou,
Com pacienciosa coragem.

A prece de despedida
Cada qual diga por si,
Buscando lhe dar mais vida
Do que a vida que está aqui,
Eivando de sentimentos
Os mais belos pensamentos.

13

AO CORRER DA PENA

Queremos, neste dever,
Que você fique à vontade:
Atenda, se apetecer,
Pleno de felicidade.

Minhas quadras deste dia
Não favorecem poesia,
Pois estou com muita pressa;
Mas, se você se estender
Por várias laudas que eu der,
Irá cumprir a promessa.

Você só tem bom ouvido
P'ra rimas de fantasia;
Vamos ver se põe sentido,
Ao lhe ditarmos poesia.

Mas não vá tão de repente
Ao final de cada verso,
Senão o nosso repente

Vai ter final mui perverso.

A sua ousadia é tanta
Que os versos surgem sozinhos,
Mas vamos é ver quem canta,
Com mais amor e carinhos.

As rimas surgem perfeitas,
Quando não dizemos *quase*;
São sons de mentes estreitas,
Pedindo algodão e gaze...

Não sabemos de outro jeito
P'ra ditar os nossos versos,
Mas, se não mostrar respeito,
Verá quão somos perversos.

Não quero continuar
Escrevendo coisas bobas;
É preciso melhorar,
P'ra se ouvirem nossos *obas!*

Diremos, então, adeus,
Neste versinho final,
Pois, em nome do bom Deus,
Nós não lhe queremos mal.

Meu caríssimo escrevente,
Fique na paz de seu lar,
Você e toda essa gente,
Conjugando o verbo *amar*.

Não repare, por favor,

Nos versos que despejamos:
Não têm eles o valor
Que tanto nós desejamos.

É comum o nosso tema:
Não tem sentido profundo;
Está claro que o problema
Vai ser abarcar o mundo.

Vamos ter de admitir
Que este amigo é persistente,
Pois não deseja ir dormir,
Sem atender a esta gente.

Sabemos que não é hora
De dizer certas palavras.
Di-las-emos sem demora:
São quadras de nossas lavras.

Quando tudo isto indicava
Para versos mais perfeitos,
Eis que ao ponto se voltava
De bater em nossos peitos.

Não tema, querido irmão.
Tudo o que hoje fizemos
Terá certa direção:
A cesta que propusermos.

Essa culpa é toda nossa,
Que estamos mui preocupados
De dizer: — *Não há quem possa
Com seres alucinados.*

Estando já em água rasa,
Recolha essas suas velas,
Volte ao conforto de casa,
Onde as ações são mais belas.

Este treino está bem frio,
Bastante prejudicado,
Entretanto, tenha brio:
Não vá ficar preocupado!

Os versinhos que fazemos,
Assim, ao correr da pena,
É só o que conseguiremos:
Nossa alma é bem pequena...

Caindo vão, aos pedaços,
Estas quadras que montamos;
Receba agora os abraços:
Parece que terminamos.

Resta-nos agradecer
A bondade do Senhor,
Que, com todo bem-querer,
Faz ver que temos valor.

14

AMEAÇAS À DONA POÉTICA

Todo aquele que atormenta
A vida de seu irmão
Poderá ser combatido
Com prece, amor e perdão.

Sinto muito, caro amigo,
Não ter muito o que escrever;
Não vá zangar-se comigo:
Me abrace com bem-querer.

Parecemos meio zonzos,
Quando estamos a escrever;
As portas guincham nos gonzos:
Cuidados devemos ter.

Às vezes, não declaramos
As palavras que queremos:
Irá caber ao irmão
Botar mais força nos remos.

Evitemos, finalmente,
Repetir os mesmos versos,
Embora esteja o escrevente
Sabendo sermos perversos.

— *Cada macaco em seu galho* —,
Diz um refrão popular;
Faço papel de espantalho:
É todinho esse o meu ar.

Hoje não temos história
Que aqui possamos contar;
Fiquemos só na vanglória,
Pois queremos agradar

Se não contarmos as sílabas,
Acabaremos falhando;
Por isso, recomendamos
Que este amigo vá contando.

Sentimos certo cansaço,
No coração do amiguinho,
Mas pedimos um espaço,
P'ra nos dar algum carinho.

Tenho nervos feitos de aço,
Meu sangue corre fervente,
Escrevo este calhamaço,
Dou trabalho ao escrevente.

Alguns vão pensar que estamos
A perder tempo, somente,
Mas a verdade é que vamos

Treinando nosso escrevente.

É preciso ter paciência,
Completar o aprendizado;
Nesse caso a obediência
Jamais ficará de lado.

Nossas quadras se acumulam,
Mesmo não sendo perfeitas;
São palavras que se anulam,
Mas deixam as quadras feitas.

Às vezes, titubeamos,
Ao ditar alguns versinhos,
Mas, quando nós fraquejamos,
São-nos dados mais carinhos.

Relevem os bons irmãos
A total falta de jeito:
Estendamos nossas mãos,
Juntemos peito com peito.

Em sinal de caridade,
Nos enviem um sorriso;
Choraremos de saudade,
Quando tivermos mais siso.

Vamos ter de comentar
A falta da força elétrica;
Fosse datilografar,
A coisa estaria tétrica.

Por pouco não despejamos

Nossos confrades daqui,
Mas, como somos bons amos,
Não folgamos o Wladi.

Dona Poética esteve
Fortemente ameaçada,
Mas lhe pedimos licença
E nos disse: — *Não é nada!*...

Gracejemos um pouquinho,
Que a estrofe fique humorada;
Mas façamos com carinho,
Não vá ficar consternada:
Poética, de mansinho,
Vai terminar agradada.

Pode parecer ao moço
Que a nossa trova se perde,
Que é só carne de pescoço,
Que é rima que não se herde.

Vou dizer uma verdade,
P'ra terminar este dia:
Não é com contrariedade
Que rimamos a poesia.

Fica o jovem satisfeito
E, mais satisfeito ainda,
Por tratá-lo com respeito,
Fazendo uma estrofe linda.

Faltam só estas três linhas,
P'ra terminarmos a folha:

Vou refazer as continhas,
P'ra melhorar nossa escolha.

Abrimos uma outra página,
Muito cheios de esperança,
Mas se a rima não se *imáquina*,
Vou perder a contradança...

Queremos, porém, fazer
De nossos versos promessa:
O que temos p'ra dizer
É muito bom, bom à beça...

Quem nos quiser esquecer
Vá trocar sua cabeça,
Pois não há o que fazer,
P'ra que a lei não permaneça.

Parecem tolos os versos,
De conceitos não há nada,
Mas, por não sermos perversos,
Aceitamos a parada.

Qualquer dia um outro grupo
Virá dizer a que veio;
Se o daqui recebe apupo,
Que aquele não faça feio.

Fica alegre o escrevente
Mas se sente apalermado,
E nos roga, simplesmente,
P'ra deixá-lo sossegado.

Após as trinta quadrinhas,
Ele vai ser atendido,
Embora nos falte um tema
Para ser desenvolvido:
Amanhã é outro dia,
Para a prosa e p'ra poesia.

Vamos deixar de fazer
A despedida usual,
Pois o final pode ser
Nosso assunto principal.

Adeus, caríssimo irmão,
Volte ao regaço dos seus,
Mas peça, de coração,
Bênçãos ao nosso bom Deus!

15

AURAS ROXAS

Estamos aqui presentes,
P'ra ajudá-lo na jornada;
Todos estamos contentes:
Algum desvio não é nada.

Não se prenda pela gente,
Se tiver necessidades:
Vale mais um escrevente
Que não traga novidades.

Tenho certeza que digo
Que ao retornar p'ra escrever,
Poderá contar comigo
E com o meu bem-querer.

Conforme promessa antiga,
Nós não iremos falhar:
Traremos palavra amiga,
Sem pressa, bem devagar.

Se quiser agradecer,
Faça sem constrangimento:
Demonstrar o bem-querer
Não é fato dum momento.

Estamos todos na vida
A ajudar-nos mutuamente,
P'ra tornarmos mais querida
A saga de toda a gente.

Caso esteja muito triste,
Vamos orar com fervor,
Pois minha dor não resiste
Aos desvelos desse amor.

Tenhamos sempre conosco
Muita fé, muita esperança,
Que sairemos do enroscado,
Felizes como criança.

Se nossas quadras perturbam,
Por serem bastante chochas,
Não sabem como conturbam
Os que têm as auras roxas.

Seguindo nosso estribilho
Destas sérias pregações,
Vou pôr a roda no trilho
E despertar corações.

Nosso amigo desconfia
Que tenhamos um segredo,
Mas jamais nos desafia,

Porque, parece, tem medo.

Não falo deste escrevente
Que tem servido de apoio;
Falo daqueloutra gente
Que segue noutra comboio.

Fique, portanto, contente,
Se você nos acredita;
Ou nos faça, simplesmente,
A pergunta que o irrita.

Pode ser que respondamos,
Pode também ser que não,
Talvez porque dependamos
Do amor do seu coração.

Se tiver dificuldade
Em expor sua questão,
Restabeleça a verdade:
Não se preocupe mais, não.

Aí terá, certamente,
A resposta pretendida,
Pois agir serenamente
É tudo p'ra nós na vida.

Sabemos ser importante
Refletir sobre os problemas,
Pois nada é mais contristante
Que não solver estes temas.

Registre, por ora, o amigo

Que temos pressa em sair,
Para deixá-lo ao abrigo
Dos desafios, Wladimir.

Sabemos ter sido pouca
A produção deste dia:
Quase tudo coisa oca,
Quase nada de poesia.

Entretanto, estou contente
Com o resultado obtido,
Pois pareceu a esta gente
Algo haver desenvolvido.

Sabemos não ser preciso
De todo nosso juízo,
Entretanto, vamos indo;
Se não pararmos agora,
Logo, logo, sem demora,
Faremos algo mais lindo.

Na hora da despedida,
Cumprindo este rito antigo,
Vou desejar-lhe mais vida,
Ao nosso querido amigo.

Quer ele que agradeçamos
A nossa existência a Deus,
E que também lhe peçamos
Muita paz aos filhos seus.

Ergamos os pensamentos
Por instantes — uns momentos —,

Com ternura e muito amor,
E peçamos, suavemente,
Seja quem for esta gente,
Nos abençoe, Senhor!

16

POEMA PREOCUPADO CONSIGO MESMO

A turma que se apresenta
Para os ditados do dia
Tem a inspiração mui lenta
E bem fraca a melodia,
Porém, vamos ver se esquentam
Esta tarde de poesia,
Para o que será preciso
Melhorar nosso juízo.

Começamos com oitava
Bem do tipo de Camões,
Mas o médium esperava
Receber informações
Que escorressem como lava
Das encostas dos vulcões,
Que abrasassem toda a gente,
A começar do escrevente.

Entretanto, o treinamento
Irá ter de persistir:

Estrelas no firmamento,
Eternas em seu luzir.
Amainemos o tormento
Do confrade Wladimir
E deixemos registrados
Alguns versos bem cuidados.

Nosso amigo leva a sério
A nossa apresentação:
São cruces no cemitério,
São dores no coração,
São corpos no necrotério,
São focos de perdição,
São lágrimas a escorrer
Desejos de bem-querer...

Mudaremos de roteiro,
Se nossos mestres mandarem,
Mas Jesus, no cativoiro,
Não disse aos algozes: — *Parem!* —
Submeteu-se ao madeiro,
Os irmãos a lastimarem.
Da mesma forma, a poesia
Ao suplício obrigaria.

Iremos, pois, prosseguir,
Neste mesmo diapasão,
Perguntando ao Wladimir
Se nós não temos razão,
Só restando admitir
Certa fraqueza na mão,
Pois, para verso perfeito,
A turma não leva jeito.

Nosso fôlego está bom,
As estrofes se completam;
É perfeito o nosso som,
Nossas rimas não se afetam;
Só mudaremos o tom,
Para os temas que se aquietam,
Pois para tudo é preciso
Ponderação e juízo.

Caminharemos seguros,
Ao contrário do que espera
Aqueles que não veem puros
Os intentos desta esfera,
Que têm corações mui duros,
Mais vorazes que os de fera,
Apesar dos titubeios
De que os versos estão cheios.

Quem chegar aos manuscritos
E vir tanta indecisão,
Vai pensar que foi aos gritos
Esta manifestação,
Que estivemos mui aflitos,
Sufocados de emoção:
Errará completamente,
Como prova este escrevente.

As estrofes foram nove:
Já nos sentimos cansados,
Entretanto, a fé nos move
E nos vemos relaxados,
E a esperança nos comove

E ficamos exaltados,
De forma que nosso verso
Já não nos chega perverso.

Se Camões metrificasse
Os Lusíadas em versos
Chamados de redondilhas
Talvez nos justificasse,
Nestes temas controversos,
E fizesse maravilhas.

Sua ânsia é natural
Por chegar ao fim do dia,
Pois nosso tema é banal,
Não serve para poesia,
Embora não faça mal,
Também não traz harmonia;
Serve só de treinamento:
É distração dum momento.

Mas vou partir afinal,
Cheio de satisfação;
Nossa poesia é sinal
De que temos coração;
Sem ser intelectual,
Passei alguma emoção;
Dei trabalho ao escrevente,
Que tudo achou surpreendente.

Mas não pretendo partir,
Sem dizer ao meu irmão,
O escrevente Wladimir,
Que está no meu coração,

Donde nunca vai sair,
Por força da condição
De que é eterna a amizade
Que tem por base a verdade.

Chegada a hora do adeus,
Elevemos ao Senhor
Nossas preces para os Céus,
A rogar com muito amor,
Pelos meus e pelos seus,
Que consigam ter valor,
E pela nossa poesia,
Que se prenhede de harmonia.

17

SURREALISMO SOBRENATURAL

Para que este irmão perceba
Que já não está sozinho,
Iniciemos os trabalhos,
Com muito amor e carinho.

Eis aí a prima estrofe,
Que não deu muito trabalho;
Mais estranho é o rega-bofe,
Toda vez que me atrapalho.

O tom de nossa conversa
Demos tão logo — de prima —;
Se esta tese é controversa,
Bem segura está a rima.

Este perene treinar
Vai deixar-nos afiados;
Se formos desafiados,
Iremos desempenhar.

Encurtamos os versinhos,
Mas as quadras vêm perfeitas;
Somos tão pequeninhos
Que as rimas já vêm eleitas.

As duas quadras acima
Têm graves contradições,
Tão fortes que até se estima
Que terão novas versões.

O nosso médium demora
P'ra apanhar fiel ditado,
Mas, tão logo chega a hora,
Desfaz o ar preocupado.

O mensageiro do dia
Só faz o melhor que pode;
Em matéria de poesia,
Berra, berra, como bode...

A crítica subjacente,
Autocrítica, diríamos,
Não atinge o escrevente,
O que muito sentiríamos.

O nosso caro leitor,
Se o tivermos algum dia,
Receba-nos com amor
E imagine ser poesia
O que damos com ardor
E com bastante euforia,
Nem que tenhamos, somente,
Bem treinado este escrevente.

Não se poderá negar
O grande fluxo dos versos,
Pois chegamos a rimar
Alguns termos controversos,
Assim como o verbo *amar*,
Em poematos perversos,
Pusemos, com perfeição,
No fundo do coração.

De quadrinhas a oitavas,
Passamos com algum temor,
Com os escudos e as clavas
De novato gladiador,
Com nossas teses escravas
De poderoso senhor,
Que nos impôs a ironia:
“Sai ou não sai a poesia?”

Como disse um companheiro:
— *Sorrir é o melhor remédio.*
Desde então, nosso parceiro
Vem tendo o maior assédio:
Doentes do mundo inteiro
Correm atrás deste médium,
Que, p’ra ver tudo sorrir,
Insiste em nos perseguir.

Quisemos fazer gracinha,
Nessa oitava anterior,
Mas este povo ia e vinha,
Sem enfatizar valor
Daquilo que se adivinha

Sem este humano calor;
Sendo assim, fiquei frustrado:
Cometi outro pecado...

Admiro-lhe a paciência,
Ao nosso caro escrevente,
Que, com tamanha indulgência,
Vem acompanhando a gente,
Adquirindo experiência,
Tão só isso, simplesmente,
Acalorado e calado,
Sempre bem acompanhado.

Às vezes, nós escrevemos
Palavras misteriosas,
Que jamais repetiremos,
Por não serem judiciosas,
Como: — *Co'a força dos remos,*
Damos mais perfume às rosas —,
Sem sentido e de mau gosto,
A desonrar nosso posto.

Por força das contingências,
Do sentido da poesia,
As fracas inteligências
Não conseguem harmonia,
Flores em suas querências
Dão perfume à pradaria:
Quando veem o Universo,
Não extrapolam o verso.

Em versos surrealistas,
Damos mais força ao trabalho;

Nossas bandeiras têm listas,
Somos cartas no baralho:
Eis aí algumas pistas;
Se acertarem, me *espantalho*;
Tudo tem o seu valor,
Quando feito com amor.

Não queremos ir embora,
Sem deixar a despedida;
Sabemos que está na hora:
A tarefa está cumprida;
O cansaço não demora,
Devemos cuidar da vida;
Agradecendo o escrevente,
Só digo adeus — simplesmente.

Ao Pai do Céu vou rezar,
Pedindo paz e saúde,
Para o mundo melhorar
E faça o bem amiúde,
Para nos abençoar,
Que nossa sorte não mude,
Sem que sejamos dotados
Do amor dos nossos amados.

18

ENQUANTO OS POETAS NÃO VÊM

Está bem próximo o dia
De terminar este treino;
Aí faremos poesia,
Indo das Musas ao reino.

Somente para ilustrar,
Deixamos rima incompleta;
Você irá terminar,
Co' o espírito de poeta.

Bem satisfeitos da vida,
Nossos versos percorreram
Muitos caminhos possíveis,
[*Que pistas lhe forneceram.*]

Basta agora coroar,
Fechando com chave d'ouro,
Pedindo p'ra burilar,
Ou p'ra curtir mais o couro.

Fique, portanto, amiguinho,
Atento ao nosso chamado.
Chegaremos de mansinho,
Pode ficar sossegado.

Quanto ao treino semanal,
É útil continuar:
Não há de fazer-lhe mal
Prosseguir a poetar.

Colheremos muitas flores
Perfumosas e gentis;
Amainaremos as dores:
Será o mundo feliz.

Fez bem o nosso escrevente
Em aguardar o desfecho:
De que vale ir p'ra frente,
Quedando atrás um desleixo?!

Nem sempre iremos deixar
Todas as rimas perfeitas:
Quem quiser servir e amar
Alguns deslizes aceita.

Nosso amigo se perturba,
Ao cumprirmos a promessa:
Eis que lhe cai como luva
Esta fase que atravessa.

Se pudéssemos dizer
O que nos vai pela testa,
Inda mais ia querer

Outras rimas como esta.

Não se preocupe conosco:
Passe como a ideia vem;
Para sair deste enrosco,
Terá ajuda também.

Veja como ficou fácil
A transmissão destes versos:
Pode a rima não ser grácil,
Pois os seres são diversos.

Na conjuntura da prosa,
Outros méritos teremos:
É como o cheiro da rosa,
Que sempre distinguiremos.

No roteiro deste tema,
Deveremos explicar
Que, p'ra fazer um poema,
Havemos de pelear.

Nem tudo surge sozinho,
Pois nada aqui é espontâneo;
Tudo vem devagarinho:
Trabalhamos com o crânio.

Sabemos que está aflito
P'ra conversar co'a patroa,
Já que aqui o mais bonito
Não passa de coisa à-toa.

Não quero mexer contigo,

Dedicadíssimo irmão:
Te mantereí neste abrigo
De meu grato coração.

Já perdeu a eficiência
O ditado que fazemos;
Não é nossa a exigência:
O barco não vai sem remos.

'Tá na hora de partir,
Vou terminar com o verso;
Antes, porém Wladimir,
Façamos algo perverso.

Era só uma gracinha
Que queria eu fazer,
P'ra mais uma risadinha,
Num gosto de bem-querer.

Terá razão se disser
Que os versos estão bem fracos;
Talvez melhorem se der
Uns retoques bem velhacos.

Desejo me despedir,
No encerramento do dia,
Dizendo ao bom Wladimir:
— *Vê se não chore: sorria!*

Como prece, vou compor
Uma palavra de adeus:
Recebamos, com amor,
Todas as bênçãos de Deus.

19

VERSOS FELIZES

Tranquilidade é preciso,
P'ra quem se sente afobado;
Em tudo, o melhor juízo
É o coração serenado.

Dissemos, bem a propósito,
Da situação deste dia;
Vamos deixar em depósito,
P'ra crédito da poesia.

Certamente, o meu dever
É trazer consolação,
E também amortecer
Agitos do coração.

Falaremos de poesia,
Como arte de dizer,
Com suave melodia,
Todo o nosso bem-querer.

Por isso, vamos fazendo
Umhas quadras bem chinfrins,
Pois não estamos querendo
Representar querubins.

Às vezes, é oportuno
Deixar rastro de alegria,
Fazer, deste Fiat Uno,
Bem veloz maquinaria.

Resolvemos suspender
Nossa tarefa do dia,
Assim que notemos ter
Um bocado de poesia.

A pedido do escrevente,
Faremos outras quadrinhas,
Para deixar evidente
Que somos *fadas-madrinhas*.

Deixe o pulso à vontade
E a mente aberta p'ra nós;
Verá, com felicidade,
O versinho não dar nós.

Se você tiver ouvidos,
Preste bastante atenção:
Nossas frases têm sentidos,
Ouidas no coração.

Prometemos muitas cousas,
Não cumprimos nem metade;
Nos espaços destas lousas,

Escreveremos *saudade*.

O bulício, nesta vida,
É coisa de dar pavor,
Porém, com bossa atrevida,
Fabricaremos amor.

Do jeito que as coisas vão,
Algum dia chegaremos
A escrever com emoção
Alguns fatos que vivemos.

Teremos também coragem
De mencionar a Jesus,
Sem querer contar vantagem
Por suas bênçãos de luz.

Vamos, enfim, declarar
Nosso amor por Deus do Céu,
Só para homenagear
Quem nossa vida nos deu.

E os bons anjos protetores
Também terão sua vez,
Guias, amigos, mentores,
Augustos em honradez.

Sabemos ser bem difícil
Compor com arte esta rima:
Arremessamos um míssil
Contra quem mais nos estima.

Até que foi bem mais rápido

P'ra completar a quadrinha;
Está o escrevente pálido,
Ao recompor esta linha.

Vamos fazer um bom trato
Em que ninguém sai perdendo:
Vou lhe dar o termo exato
E você vai escrevendo.

Gostou da última quadra?
Dê um sorriso p'ra mim;
Veja que tudo se enquadra,
Até a rima do fim.

Não queremos terminar,
Antes de chegada a hora;
É mui gostoso rimar,
Quando o verso não demora

Iremos nos desculpar,
Se nem tudo sai perfeito:
A perfeição do rimar
É ter muito amor no peito.

Quero deixar registrado,
Bem no final deste dia,
Que já estou mui preparado
P'ra melhorar a poesia.

Então, não vou desdizer,
Fazendo quadra bem feia;
Despertei seu bem-querer:
Escrevo para quem leia.

Adeusinho, bom amigo,
Fique com a folha cheia,
Pois pode contar comigo,
P'ra lhe estimular a veia.

Já sinto alguma saudade
Destas tardes altaneiras,
De tanta felicidade
E de diversas asneiras.

Tudo faz parte da vida
E, se tivermos juízo,
Mesmo com luta renhida,
É ficar no paraíso.

Agradecemos ao Pai
A vida como ela é,
Já que nem tudo nos sai
Como fluxos de maré.

Temos também de dizer
Ao nosso amigo escrevente
Que é com imenso prazer
Que este grupo está presente.

Encerremos este dia
A demonstrar alegria
Com os versos que passamos,
E, deixando nosso adeus,
Vamos pedir ao bom Deus
Nos inspire o que sonhamos.

Assim, tudo, finalmente,
Se põe diante da gente
Co' extrema facilidade;
Corremos riscos, às vezes
(Os versos nos saem soezes)
Mas quanta felicidade!

20

OCTOSSÍLABOS RÁPIDOS

Fique o escrevente bem contente,
Já que é mui raro o poetar;
Até pareça displicente,
Mas jamais deixe de rimar.

São versos fáceis que fazemos,
Não há pensar em obra-prima:
O navegante dá co'os remos.
O bom poeta dá co'a rima.

Se nosso dia está perdido,
Iremos muito lamentar;
Antes, porém, hei resolvido
Esta quadrinha terminar.

O nosso irmão já me convida,
Com um sorriso, a não parar,
Pois julga ele que cumprida
Nossa missão não há de estar.

Contudo, eu sei, com proficiência,
Que a hora tarda de arrumar-se,
Para cumprir, com obediência,
Todo o dever, p'ra melhorar-se.

Se só tivéssemos um dia
P'ra executar o treinamento,
Aí diria que a poesia
Não passaria dum tormento.

Querido amigo, eu vou parar,
Agradecendo o seu trabalho;
Agora sabe que, ao chamar,
Cá estarei p'ra este malho.

Reserve o dia p'ra entrevista
Que você mesmo arquitetou;
Quem não arrisca, não petisca,
Se ninguém for, proclame: — *Eu vou!*

Perdoe o nosso atrevimento,
Em lhe ter dado orientação:
Faça feliz este momento,
Conserve o amor no coração.

Como já estamos de saída,
Os versos chegam de roldão;
É bem assim em toda vida
Que se preenche de emoção.

Por ora basta: vou parar,
Agradecendo a boa vontade,
Pois, se pretendo apaziguar,

Devo deixar felicidade.

Aos meus amigos, obrigado,
Por estas tardes tão formosas;
A Deus no Céu estou ligado
Por um odor de mar de rosas.

21

ESTAVA PERTO E EU NÃO VIA

— *Onde estará meu amor?* —

Perguntava eu intrigado.

— *Terei perdido o valor,*

Para ser abandonado?

Mas a verdade, entretanto,

Era muito diferente:

Era ouvido esse meu canto,

Por ouvidos de outra gente.

Caminhei, desatinado,

Buscando a minha querida;

Estava bem ao meu lado,

Mas não se fazia ouvida.

O culpado era eu mesmo,

Que não controlei a vida:

Perambulei muito a esmo,

Às viciações dei guarida.

Então, chegou o momento
Do encontro com a verdade:
A causa do meu tormento
Foi mui profunda vaidade,

Aliada co' o egoísmo,
Que me punha superior:
Eu fugira do batismo
Das bênçãos dum vero amor.

Foi grande meu sofrimento,
Depois que tomei consciência,
No meu desenvolvimento,
Do que me causou falência.

Deus, porém, ouviu a prece
Do mudo pranto da dor:
De súbito, me aparece
Quem me dedicava amor.

Ajoelhei, deslumbrado,
Rogando perdão aos Céus,
Agradecendo, humilhado,
A graça que vem de Deus.

Agora cumpro a promessa
De tornar público e patente
Que não há quem os impeça
De progredir, simplesmente.

Vou receber bem a crítica
De quem não gostou dos versos;
Deve ser essa a política,

P'ra não deixá-los imersos
Na penumbra meio mítica
Destes termos controversos,
Pois a principal figura
Será o bem da criatura.

Salvar esta inspiração
É algo bem indigesto,
Mas, feita de coração,
O resultado é honesto.

Por pouco não esquecíamos
Que apenas vamos treinando;
Da maneira por que íamos,
Logo estávamos falhando.

Em matéria de poesia,
Nosso prumo se obliqua;
É como se a melodia
Se atropelasse na rua.

— *Horrível!* — dirá o irmão;
— *Horrendo!* — responde o eco;
— *É um horror!* — o coração;
— *Passável...* — nos diz o *ego*.

— *A verdade, finalmente;*
Queremos toda a verdade!... —
Não nos percamos, ó gente,
Em razão dessa ansiedade!

Conhecimentos nós temos,
Boa vontade também,

Falta só pegar nos remos,
Em busca do sumo Bem.

Caprichando nós estamos,
Para mostrar aos seus netos
Que pesam, em nossos ramos,
Luz, calor e mais afetos.

Como está longe tal dia
Em que as santas criaturas
Entenderão de poesia,
Sem as mentes tão obscuras!...

Contrastes maravilhosos
Vão preenchendo este dia:
Há relâmpagos ruidosos
E sol de muita alegria.

Talvez não haja um poema
Que preste p'ra publicar,
Mas há trovas cujos temas
Não há que desperdiçar.

Eis o conselho que damos,
Ao final desta jornada:
Talvez não pesem os ramos,
Mas está a mensagem dada.

Escrevendo todo dia,
Dentro de uns anos talvez,
Aceitemos a poesia:
São negócios de chinês.

Querido amigo escrevente,
Perdoe toda esta gente
Que se abalança a escrever;
Por certo, num outro dia,
Teremos a melodia
De profundo bem-querer.

Vamos sair de mansinho,
Deixando o nosso carinho,
Na prece de despedida:
A Deus rogamos com gosto
P'ra voltarmos a este posto,
Num gozo pleno de vida.

22

JUVÊNIO METRIFICA

Querido amigo escrevente,
Lembre-se de que esta gente
Só pretende vir treiná-lo;
Perante alguém experiente,
Vai restar-nos tão somente
Dizer: — *Agora me calo...*

Entrementes, o destino,
Em sopros de desatino,
Enseja-nos uns momentos;
Talvez cantemos um hino,
Talvez tanjamos o sino,
Esquecendo os sofrimentos.

— *É tarde!* — diz uma voz.
— *É cedo! Espere por nós* —
Responde um eco pungente;
Eis uma dúvida atroz
Que, trágica, recompôs
O medo de ser carente.

Não queremos prosseguir,
Se não temos onde ir,
Nestas trovas tão pequenas;
Perdoe-nos, Wladimir,
Pare o texto; vá dormir:
Amenize as suas penas.

— *Se não tenho cabimento*
(Diz o meu verso em lamento)
Por que estou sendo criado?
Perdoe-nos o mocinho,
Fique só mais um pouquinho:
Não nos seja malcriado...

Variando a nossa rima,
Como fizemos acima,
Melhora nosso projeto:
A coisa fica mais fácil,
A poesia tem ar grácil,
A vaidade alcança o teto.

Que coisa mais esquisita!
Este esquema nos irrita:
Parece um tanto precário...
Entretanto, bons artistas,
Com cores e algumas listas,
Se ergueriam do sudário.

Não falo tão só por mim,
Neste conceito chinfrim
Que nos dá prumo a este tema;
O conjunto deste grupo

Receia tremendo apupo,
Ao terminar o poema.

Ao olhar o horizonte,
Por sobre os tetos das casas,
Quer o irmão que se lhe aponte
A razão de não ter asas.

Desejaria voar,
Em tremenda liberdade,
Entretanto, ao vir rimar,
Ficou preso, na verdade.

Se tivesse ele o poder
De compor um livre verso,
Por certo, iria querer
Açambarcar o Universo.

Entretanto, a nossa rima,
Que chamamos de *chinfrim*,
Como se viu mais acima,
Determina o nosso fim.

Quando estes temas nos chegam,
Por força do mais além,
São besteiras que nos cegam
P'ro amor e p'ra dor também.

Ficamos só no improviso
Dum treino xucro e banal,
Que não merece um só riso,
Embora não faça mal.

Este é sentimento neutro
Que não exige emoção;
É um cano feito de feltro,
É arma que não tem cão.

Sabemos ser bem difícil
Definir esta *poesia*;
Mais parece um edifício
Que se ergue a cada dia.

Comprendemos o escrevente,
Com suas preocupações;
Não se importe com a gente,
Mas não tenha hesitações.

O galo também cozinha,
Mesmo estando a água fria;
Só que uma tal ladainha
‘Tá longe de ser poesia.

Quando a mente fica aberta
À nossa influência,
Quase sempre a mão acerta
O bater do coração.

Algumas poucas quadrinhas
Merecem ser publicadas,
Mas quase todas as linhas
Se encontram bem inspiradas.

Vitupério é elogio
Que se diz de boca própria;
Estamos só por um fio:

Qualquer rima é muito imprópria.

Ao longe, cai a *tempesta*,
Brilha bem próximo o Sol,
Nossa alma está em festa:
Não tememos o arrebol.

O bom amigo escrevente
Está a *mangar* com a gente
Pelo *medo* da *tempesta*;
Não sabe que, no *invisível*,
Pode até dizer: — *Incrível!*
É a coragem uma festa?...

São muitos os que têm medos
De simples assombração;
Podemos contar nos dedos
Os isentos de emoção.

Estes mesmos, entretanto,
Bem no fundo da consciência,
Devem sofrer o seu tanto,
Por terem tanta ciência.

Estes temas vão ficando
Filosóficos demais;
Vou, então, amenizando,
P'ra não ouvir muitos *ais...*

Recebo com efusão
Cumprimentos deste médium,
Mas não faço confusão:
Ajo por seu intermédio.

Não pretendo devolver
Elogio por elogio:
Basta-me o seu bem-querer,
Em forma de desafio.

O tempo se transformou,
Agora as nuvens imperam,
Mas um conselho eu lhe dou:
Os fortes não desesperam.

Ri o escrevente, a bom rir,
Desta facécia da gente,
Mas, meu caro Wladimir,
Há algo mais excelente?...

Quando aperta o seu cansaço,
Demonstra logo o desejo
Que desfaçamos o laço,
Ao guardar o realejo.

Só assim, acreditamos
Ser possível terminar,
Porque lhe pendem dos ramos
Estrofes que enchem o ar.

Mas, como estamos atentos,
Sabendo bem a tabuada,
Pedimos só uns momentos
P'ra dar a tarde encerrada.

É de praxe a despedida,
Cada tarde duma forma;

Ficamos feliz da vida,
Por não fugir dessa norma.

Muito obrigado, querido,
Por sua dedicação;
Se estiver bem comovido,
Aperte aqui esta mão.

Diga adeus ao Pai celeste,
Faça uma prece por nós:
Queremos que nos empreste
Os sons dessa sua voz.

Aguardemos, em silêncio,
A prece da despedida:
Aqui me chamam Juvêncio,
Um amigo em sua vida.

23

CENSURA AO DINHEIRO

Conheço um jovem cantor
Que apenas pensa em dinheiro;
Só canta canções de amor:
Não tem nenhum companheiro.

Que pensa o caro amiguinho
Da situação do infeliz?
Terá falta de carinho?
Sabe onde tem o nariz?

Conhecidos argumentos
Dir-se-ão em seu favor;
Mas quantos são os momentos
Em que demonstra valor?

Imitemos o seu gesto
Ao levar felicidade,
Mas lancemos um protesto,
Ao fugir da realidade.

Poderão até pensar
Que a matéria predomina,
Mas, ao se desencarnar,
Ficará clara a ruína.

Eis a dura realidade
A que pomos referência;
É, na cata da verdade,
Que usamos a experiência.

Por isso, caros irmãos,
Fiquem sempre bem atentos,
Se forem desejos vãos
Que lhes dão os seus alentos.

É preciso conjugar
O verbo *amar* com *servir*;
Ao se contemplar o mar,
Uma prece deve ouvir.

Queremos, para encerrar,
Deixar um antigo aviso:
O mundo pode esperar,
Nunca vai ser paraíso!

Que tal estas novas trovas:
Estão de fato ao seu gosto,
Ou são bem ainda as provas,
Antes de mostrar o rosto?

Queremos só desdizer
Esta impressão de vazio,
Já que muito bem-querer

Aflui para o nosso rio.

Se tivermos contenção,
Arranharemos a rima,
Deixando, no coração,
A impressão de grande estima.

Pedimos ao escrevente
Que tenha muita paciência,
Que mais tolere esta gente,
Que demonstre obediência.

Sendo assim, prometeremos
Suaves inspirações
E também evitaremos
Algumas graves tensões.

Entretanto, a gentil arte
De elaborar a poesia
Espero que fique à parte,
P'ra não causar agonia.

Estamos aqui somente
Para treiná-lo este pouco,
Esperando que não tente
Dar de poeta ou de louco.

Por mais que nos empenhemos
Nestas quadras tão simplórias,
Por certo não ficaremos
Com os troféus das vitórias.

Atendendo a um bom pedido

Deste irmãozinho escrevente,
Teremos desenvolvido
Algo que o deixe contente?

Pedi-nos para que fosse
Nosso translato escoreito;
Foi por isso que lhe trouxe
Um tema quase sem jeito.

Entretanto, esta linguagem
Se dilui em água pura;
Não sei se tem a vantagem
De servir a esta estrutura.

É claro que tudo aqui
'Tá longe da perfeição,
Mas, igual a algum saci,
Tem perna e tem coração.

Já chega de atrevimento,
Nosso tempo se acabou;
Parece tão só um momento:
Uma hora se escoou.

Por isso é que comentamos,
Com enorme euforia:
Não sabemos onde achamos
Este pouco de poesia.

É triste dizer adeus;
Vamos falar *até breve*
E roguemos ao bom Deus
Que nossas falhas releve.

Na hora da despedida,
Sentimos que cria vida
A poesia que fazemos;
Por certo, o nosso escrevente
Atende melhor a gente...
Ou somos nós que escrevemos?

Em todo caso, eu me vou,
Pois confiança não dou
A rimas sem perfeição;
Se tudo chega depressa,
Isto não mais interessa
A quem ama co'emoção.

Como eu tenho algumas linhas,
Nesta página final,
Direi que estas quadras minhas
Não estão de todo mal.

24

COM BOA VONTADE

Queríamos dar conselho
Que fosse definitivo,
Mas nada achamos parelho
A Jesus — o exemplo vivo.

Eis que não tem importância
Qualquer coisa que dissermos,
Mesmo que tenha a fragrância
Das lindas flores dos ermos.

Eu quero dar ao amigo
A certeza da irmandade:
Vai poder contar comigo,
Com total boa vontade.

Eu bem sei que esta promessa
Tem o sabor da vaidade,
Mas vou querer que se esqueça
Dos vícios da humanidade.

Hoje o dia está perfeito
P'ra grande e fraterno abraço:
Coração bate no peito,
Ofertando o seu regaço.

Não quero deixar a marca
Deste simples treinamento:
Eu acho que o verso abarca
Mais profundo sentimento.

Sendo assim, caros leitores,
Elevem serenas preces,
Busquem, com seus protetores,
Recolher mais fartas messes.

O proceder carinhoso,
Entre amigos que se entendem,
Vai trazer mais forte gozo:
São vaidades que se rendem.

Nem sempre os termos refletem
Os sentimentos que temos,
Mas os favores remetem
A gestos outros que vemos.

Caso o orgulho nos obrigue
A nos isolar na vida,
O conselho é que se brigue:
Vamos levar de vencida.

Se temos forte a vaidade
Incrustada em nossa alma,
Só com tenaz humildade

É que levamos a palma.

Se agimos sem caridade,
Renegando o nosso irmão,
É com força de vontade
Que lhe estendemos a mão.

Se não temos boa vontade,
No caso de falta alheia,
P'ra nossa felicidade,
A consciência se incendeia.

Falta-nos inspiração,
A palavra não nos vem:
Façamos do coração
A fonte do nosso bem.

Somos muitos os amigos
Que têm a felicidade
De se acolher nos abrigos
Desta sua boa vontade.

Por isso, não se preocupe
Em registrar algum nome,
Seja ele Guadalupe,
Seja outro de renome.

Falemos abertamente,
Pois o que vale é o tema;
De que serve um Tiradente
Que não porte nenhum lema?!...

Hoje o dia esteve sério,

Os assuntos, um desastre,
São flores do cemitério:
Que este aroma não se alastre!

Temos outro compromisso,
Partiremos em seguida:
Nossa parte no serviço
Consideramos cumprida.

Queremos nos despedir
De nosso caro escrevente,
Tentando diminuir
A ideia que faz da gente.

Compreendemos-lhe o temor
De ficar assim exposto
Ao pranto de forte dor,
Caso tenha algum desgosto.

Por isso, fizemos força
P'ra deixar um belo verso,
Posto sempre haja quem torça,
Tornando o bom controverso.

Não é bem esse o seu caso,
Disso estamos muito certos:
O que se põe no seu vaso
São aromas dos desertos.

Já é bem chegada a hora
Destes confrades partirem;
Façamo-lo sem demora,
Para os estros não falirem.

Mas esta outra informação
Pode vir a ser preciosa:
Os do grupo não estão;
Deixaram-nos esta prosa.

Tudo para que o escrevente
Não tateie mesmo em vão,
Mas que faça, simplesmente,
Bater forte o coração.

Veja só que peçadilho,
Como estas rimas fenecem:
É fraco o nosso estribilho,
Os versos empalidecem.

Mas estamos muito firme,
Querendo colaborar,
Embora a rime confirme
Como é fraco o versejar.

Despertamos o desejo
De a poesia se encerrar,
Porquanto é fraco o manejo
De minh'arte de rimar.

Da fraqueza sinto pejo,
Da rima sinto vergonha;
Já nem toco realejo:
Veja como sou pamonha.

Entretanto, tento rir,
Gozando da minha rima,

Mas preocupo o Wladimir,
Por quem tenho forte estima.

Preciso me despedir,
Dizendo o que disse acima?
Só lhes peço p'ra aplaudir,
Se acharem a quadra opima.

Falemos sério, contudo,
P'ra encerrar mais este dia,
Mudemos o conteúdo:
Busquemos outra harmonia.

Ao Pai do Céu agradeço
A imensa felicidade
Deste simples arremesso,
Que a mim enche de vaidade.

E lhe peço, com fervor,
Que tenha muita piedade
Aos que suportam a dor
Com fé e boa vontade.

E que perdoe também
O mundo que desatina,
Que, perversamente, tem
Malbaratado sua sina.

Pensamos ter prevenido
Para os males de ser cego;
Tendo Jesus nos trazido,
Esta luz que eu não renego.

Eis aqui, meu bom amigo,
A minha última quadrinha:
É feita de pobre artigo,
Mas veste que nem rainha...

25

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Queridíssimo diário,
Eis-nos aqui novamente,
Trazendo um assunto vário,
P'ra despertar toda a gente.

São impressões de viagem,
São dores que sinto ainda,
P'ra tudo peço coragem,
Que nem tudo a morte finda.

Coloquemo-nos à luz
Deste evangelho do Pai,
Trazido a nós por Jesus,
Com amor que não se esvai.

Se tivermos boa vontade
E uma fé mui persistente,
Será com felicidade
Que nós iremos em frente.

Não foi realmente isso
Que o Mestre nos ensinou:
Honrar nosso compromisso
Co'aquele que nos criou?!

Se conseguirmos, com sorte,
Ajuda de bons irmãos,
Seja na vida ou na morte,
Vamos ter os atos sãos.

Por isso, não nos afeta
A dor que ainda sentimos,
Pois, com Deus, em nossa meta,
Vivemos em doces mimos.

Ao olhar pela janela,
Em busca da Natureza,
Sentimos sempre mais bela,
Dentro de sua rudeza.

É que nossos olhos brilham
Daquela luz verdadeira,
Dos caminhos que se trilham,
Co'a morte por companheira.

Se são tétricos os quadros
Aos olhos dos bons amigos,
É que vencemos os adros,
Em tempos já bem antigos.

Mas se são soldados velhos,
Experientes nas lutas,
Com base nos *Evangelhos*,

Não fugirão das disputas.

Mas é bem triste o espetáculo
De alguns velhos trapaceiros,
Que carregam o seu báculo,
Levando os trinta dinheiros.

Raramente apedrejamos
Os queridos companheiros,
Por isso, só alertamos
Pelos crimes verdadeiros.

O cavalo da figura
Tem o cenho sempre fixo;
É bem assim a estrutura
Do Cristo no crucifixo.

Entretanto, é bem preciso
Ver Jesus por outro prisma;
Se nós tivermos juízo,
Veremos que tem carisma.

Se Jesus sorriu bem pouco,
Durante tão curta vida,
Jamais fez ouvido mouco
A qualquer voz comovida.

A todos deu seu carinho,
De todos foi caro irmão:
Se transformou água em vinho,
Fê-lo de bom coração.

Eu não gosto de dar curso

Aos milagres do *Evangelho*;
Procuro um outro recurso:
Podem chamar-me de velho.

Muitas coisas que se dizem
Podem ser bem explicadas,
Contanto que elas não visem
Dar co'as pessoas pasmadas.

Nosso ponto é muito sério,
Nossa tese é muito rica:
Quem precisa do mistério
Em nossa crença não fica.

É bem curto o nosso dia,
Nas tardes das quintas-feiras;
Quem precisa de poesia
Que não tem eiras nem beiras?!...

Mais à noite, finalmente,
Queremos ir estudar,
Com o coração contente,
Os temas de *Nosso Lar*.

Por isso, caro irmãozinho,
Interrompa o nosso verso,
Receba o nosso carinho,
Nas graças deste Universo.

Se quiser lembrar de Deus,
P'ra agradecer sua vida,
Recorde todos os seus,
Numa prece compungida,

Diga, depois, seu adeus
À gente aqui reunida,
Que espera, com ansiedade,
O bem da felicidade.

26

SONHO DE MONGE

No portal da igreja,
Estaquei um dia,
Bênção benfazeja!
Límpida harmonia!

E por mais que veja
Coros de alegria,
É sombra que adeja
A minh'alma fria.

Perguntei por Deus,
Eu quis ver Jesus
E do céu desceu
Muito forte luz.

E em trovões de dor,
Eu vi refletida,
Espasmos de horror,
Toda a minha vida.

Quis fugir dali,
Pesadelo vão,
Sem forças, caí,
Me estendi no chão.

U'a mão benigna
De pronto me ergueu:
Era um'alma digna
Desse bom judeu.

Recobrei as forças,
Refiz a energia:
Eram simples corças,
Filhas de Maria.

Despertei sorrindo
Desse sonho triste;
Hoje já estou indo:
Este amor existe.

Tenho tido agora
Doces esperanças:
Já se faz aurora
Em minhas lembranças.

Sinto forte a fé,
Firme a caridade;
Tudo, penso, é
Fruto da bondade.

Cumpro a minha lei,
Sofro a minha dor,
É, como pensei,

Grande o meu temor.

Mas amigo tenho,
Bem transcendental,
Porque donde eu venho
Era imenso o mal.

Hoje, mais tranquilo,
Serenei a ânsia:
Pesa-me um só quilo
A minha ganância.

Pesa sempre menos,
Ao findar dos versos:
Corações serenos,
Almas de conversos.

Mágoa que se finda,
Dores que amenizam;
Sofro um pouco ainda,
Mas os céus se irisam.

Tenho p'ra comigo,
Para, dentro em breve,
Abraçar o amigo
Que por mim escreve.

Quero que desculpe
Este amor ligeiro
Que jamais se esculpe:
Tema passageiro.

Sonho de acordado,

Brilho nos meus olhos,
Mas estou velado:
Tenho meus antolhos.

Faço esta poesia,
Pura distração;
Mas sinto alegria
Dar no coração.

Tenho muito medo
De ofender alguém,
Pois é muito cedo
P'ra quem nada tem.

Ajude, escrevente,
Estenda-me a mão,
Fique bem contente
Co'este novo irmão.

Faço referência
Ao abraço amigo,
Mas esta insistência
Ganha bom abrigo.

Quero reencontrá-lo
Não depois de morto,
Mas vou despertá-lo
Em sono absorto.

Basta o pensamento,
Firme, se apoiar,
Em doce momento
De profundo amar.

Doce como a brisa
Que nos vem do mar,
Esta vaga alisa
E nos faz sonhar.

O bulício ao longe
Lembra a realidade;
Noss'alma de monge
Chora de saudade.

Peço desculpar-me
Pensamento incerto;
Vou equilibrar-me,
Disso estou bem certo.

Quero vir depois
Muito mais esperto,
P'ra juntos os dois
Ficarmos mais perto.

Pedem-me que diga
A prece final;
O fato me obriga
A esquecer o mal.

Peço a Deus somente
Que mantenha em paz
A toda esta gente
E este bom rapaz.

Vou agradecer
A meu escrevente

Todo bem-querer,
Inda que o atormente
Co'estes duros versos,
Falhos e perversos.

27

DIANTE DO INIMIGO

A sabedoria está
Em fazer somente o bem,
Ou no reino de Oxalá,
Ou na terra de ninguém.

Entretanto, muitas vezes,
Não sabemos que fazer,
Pois nos parecem soezes
Quem não nos dá bem-querer.

É bem aí que hesitamos,
Não no sentido do amor,
Mas para que não soframos
Procedimentos de horror.

É justa a nossa repulsa,
Ao sermos escorraçados,
Pois, para a mente convulsa,
Parecemos desgraçados.

É aí que entra a prece,
Cheia de amor e bondade,
Pois de justiça carece
Quem só tem brutalidade.

Peçamos, pois, ao Senhor,
Que nos mantenha animados,
Em agir só com amor,
Nos termos mais consagrados.

Sustentemos vibrações
D'alta positividade,
Enchamos os corações
Da mais pura caridade,
Estendendo aos maus irmãos
Os carinhos mais louçãos.

Haveremos de sofrer
Repulsas, incompreensões;
Mas, ao final, vamos ter
Profundas satisfações.

O sábio não desanima,
Co'os percalços mais perversos;
É como quem faz a rima,
Ao completar estes versos.

Pois tudo terá seu fim,
Na hora da despedida;
O bem façamos assim,
Seja na morte ou na vida.

Sentimos que nossos versos

Se ressentem de algo mais:
De avisos incontroversos,
De temas universais.

Mas vamos levando a vida,
Que é p'ra frente que se anda;
Na hora da despedida,
Esteja esta vela panda.

O tempo passa depressa,
Ao nosso fim chegaremos,
Mas sacrifícios não meça
Quem trabalha com os remos.

Sabemos que, com amor,
Tudo se deve fazer,
P'ra receber o calor
De quem nos tem bem-querer.

Se alguma infelicidade
Nos deixa tristes na vida,
Julguemos, com caridade,
Quem nos causou a ferida.

Perdoar os inimigos
É conselho superior;
Até ódios bem antigos
Se curam com muito amor.

Se, de tudo que aprendemos,
Possamos algo ensinar,
É sinal de que haveremos
Um dia de festejar.

As palavras que comovem
Se dão com simplicidade;
E os ouvidos que as ouvem
Estão cheios de humildade.

Soam falsos nossos versos,
Falta-lhes inspiração;
Nossos erros são diversos,
Mas nos vêm do coração.

Eu bem queria deixar
O nome dum bom poeta,
Mas iria resvalar
Na mentira ou na peta.

Meu nome não tem valor,
Mas que valha a minha rima:
Se tudo faço co'amor,
Só vou conseguir estima.

Por isso, caro amiguinho,
Fique somente na sua,
Me receba com carinho,
Mantenha sua alma nua.

Com pureza e mente aberta,
O escrevente faz a quadra;
Se não é sempre que acerta,
São falhas da nossa lavra.

Acredite, bom amigo,
Estamos muito contente,

Por estarmos ao abrigo
Desta casa do escrevente.

É bom ter este agasalho
De quem nos ama e respeita,
Conquanto nos dê trabalho,
Pois gosta da quadra feita.

Em todo caso este treino
Tem seu dia e hora certa,
Como se diz do veneno
Que é remédio quando acerta.

Terminamos os assuntos
Dos nossos temas mais sérios;
Rezemos agora juntos,
Desfaçamos os mistérios.

Ó Senhor Deus, no infinito,
Ouve daí nosso grito,
Que te roga por amor;
Sabe que o povo da Terra
Quase sempre está em guerra,
E sofre com tanta dor.

Perdoa-nos nossos erros,
Suspende os nossos desterros,
Une o povo junto a ti,
P'ra que o amor, finalmente,
Dê a toda a nossa gente
A esperança que senti.

Que tuas bênçãos nos ergam,

Pois nossos olhos enxergam
Nuvens negras no horizonte,
Já que é bem grande a falência,
Em nossa desobediência,
Pois rompemos nossa ponte.

Será bom que tu nos ponhas,
Em nossas caras, vergonhas
E, na consciência, remorso;
Assim teremos, um dia,
De aceitar tua harmonia,
Por nosso próprio desforço.

Abençoa-nos, Paizinho,
Abraça-nos com carinho,
Enxuga-nos nosso pranto;
Faz de nós servos fiéis,
Valoriza estes papéis,
Protege-nos com teu manto.

28

DUALIDADE DA ALMA

É notório o desperdício
Desta gente aqui da Terra:
Quem não acaba no hospício
É mecanismo que emperra.

Vamos ser feliz na vida
E sorrir para o Universo;
Ao chegar a despedida,
Completaremos o verso...

Saibamos espairecer
Dos antigos desesperos;
Elevemos nosso ser:
Sejamos nós pioneiros.

Mesmo sem sermos perfeitos,
Passemos por benfeitores;
Transformemos nossos feitos,
Saibamos ser os melhores.

Mas não nos vangloriemos,
Com as conquistas na vida,
Porque não faltarão remos,
Para a alma convencida.

Condenados à galé,
Pairam muitos nos infernos;
Para quem provou a fé,
Os risos serão eternos.

Sendo assim, este trabalho
Deve ser feito co'amor;
Vamos dar lustro ao soalho,
A bailar no resplendor.

Sabemos surrealistas
As imagens que fazemos:
Bandeiras com suas listas,
Naqueles mastros que erguemos.

De repente, um grito escuto,
Perdido na escuridão,
E com os olhos perscruto
Onde estará meu irmão;
Como sou honesto e astuto,
Vou-lhe estender minha mão,
Pois toda precariedade
Demonstra necessidade.

É quase que à revelia
Que passamos a poesia
Através do nosso irmão;
Mas, invés de triste horror,

Sentimos um forte amor
Lhe expandir do coração.

Pois tudo que há na vida
Traz a alma malferida,
Em dualidade atroz,
Pois, se temos, desprezamos,
Se não temos, desejamos:
É bom haja alguém por nós.

Gostamos de escrever versos
Que sejam sutis e honestos,
Para condensar a alma,
Pois, dentre aqueles perversos,
Surgem uns poucos com estos,
Com que esta fúria se acalma.

Prevenimos o escrevente
Que toparia com gente
Mais afeita ao poetar;
Com maior dificuldade,
Porém, com boa vontade,
Este barco irá ao mar.

Nossas velas desfraldamos,
Nossos remos empunhamos
E a viagem começou;
Tomemos muito cuidado,
Que o barco fique aprumado:
Gente melhor naufragou.

À guisa de treinamento,
É seguro o nosso giro,

Mas, se existir um tormento,
Vai ser aí que eu me firo.

Cumprimentamos o amigo
Por nos ter dado um abrigo,
P'ra que atraquemos seguros;
Com responsabilidade,
Temos a felicidade
De escapar destes apuros.

Assim, ao final do dia,
À hora da ave-maria,
Encerramos este treino,
E pedimos ao Senhor
Que nos acolha co'amor,
Nas moradas do seu reino.

Ao nosso caro escrevente
Temos de dizer somente
Que estamos muito obrigados,
Pois sabemos, neste dia,
Apesar desta poesia,
Foram bons os resultados.

29

AFASTEMOS O FANTASMA

Afastemos o fantasma
Que nos traz a alma pasma,
Que se alegre o coração!
Vamos dar graças a Deus,
Até na hora do adeus,
Cheios de satisfação!

Começamos bem o dia
Do projeto da poesia,
Com impulso muito vivo.
Festejemos a Doutrina,
O rico filão da mina:
Cristianismo Redivivo.

Se nosso querido irmão
Não nos emprestasse a mão,
Para mais esta jornada,
Ficaria em segredo,
Como em local de degredo,
O pensamento — e mais nada...

Mesmo com tanta bondade,
Até com felicidade,
Isto é nada para alguns.
Vejam só como seria
O som desta melodia,
Sem os elos mais comuns.

A mediunidade tarda,
No casebre e na mansarda,
Quando nos falta a vontade;
Mas, quando o amor subsiste,
Nada permanece triste,
Exulta a felicidade.

Insistimos neste tema,
Não se assuste co' o poema
Nem se apreste a terminar.
É ótima esta estrutura,
Deixa a gente aqui segura:
A nave se faz ao mar.

Temos somente uma queixa:
É quando você não deixa
Sua alma transbordar;
Se tiver mais confiança,
Gravar-se-á na lembrança
A chave do verbo *amar*.

Por isso, meu caro médium,
Venha, por meu intermédio,
Saber o que é *doar*.
O tempo que for preciso

Irá dar do paraíso
A doce ideia do lar.

Eis aqui nosso arremesso,
Que foi bom desde o começo,
Que nos enche de alegria.
Se nossos versos caducam,
Se nossos temas machucam,
Não faz mal: tão só sorria...

Caprichamos nos versinhos,
Buscamos trazer carinhos
A quem nos faz tanto bem,
Mas, quando chegar a hora
De consolar a quem chora,
Estamos aqui também.

Nesta fase da poesia,
Não temos só alegria,
Mas também preocupação:
Nem tudo sai a contento,
Por mais que se esteja atento,
Sempre falta uma demão.

Contudo, estes nossos versos
Não estão muito perversos,
Embora a rima não mude.
Ao morto não interessa
Que se tenha muita pressa,
Ao se levar o ataúde.

Mas o médium se alvoroça,
Com ele não há quem possa,

Ao ver que não é sozinho;
Já chegaram os parentes,
Com os corações contentes:
Vibra ele de mansinho.

Respeitemos os desejos.
Suspendamos os harpejos,
Fique o treino p'ra depois:
Não foi apenas num dia
Que se criou a poesia,
Pensamos que foi em dois...

Mudamos o nosso tom,
Mantendo, porém, o som
P'ra alegria do escrevente.
O cachorro dá latidos
Que machucam os ouvidos:
Caravana segue em frente.

Acalmado o coração
À vista desta canção,
Prosseguimos mais serenos;
Sabendo ser inimiga,
Com a pressa a gente briga:
Os versos saem mais amenos.

Vamos conter nossa fúria,
Wladimir quer ver a Núria
E seu querido Serginho.
Suspendamos nossa pena,
A alma não é pequena,
Quando cheia de carinho.

Mas precisamos dizer
A prece do bem-querer,
P'ra agradecer nossa vinda;
Se não fosse por Jesus,
Que nossos votos conduz,
Não fora a vida tão linda.

Volte agora, bom rapaz,
Leve o coração em paz
P'ra doce reunião;
Não se perturbe por nós,
Que buscamos outra voz
P'ra exprimir nossa opinião.

É hoje uma sexta-feira,
É tarefa rotineira,
É dia em que há sessão;
Nós não nos apertaremos:
São bem leves nossos remos,
Fácil a navegação.

30

SEM VAIDADE

Nunca mais diga besteiras,
É o aviso que lhe dou;
Foi com chorrilho de asneiras
Que meu Umbral pretejou.

Palavras ditas à toa
Poderão não ter sentido;
Mas, por certo, coisa boa
Não trarão ao meu ouvido.

Se é verdade que devemos
Manter os lábios cerrados,
Também é fato que iremos
Ter de falar aos calados.

Quem tem a luz do Evangelho,
Tem responsabilidade;
Seja novo ou seja velho,
Há que viver na verdade.

Estamos compromissados
Com o bem da boa nova;
Por isso, estamos fadados
A passar por esta prova.

O nosso voto de amor
É ato só de bondade;
Perante o Consolador,
Pratiquemos caridade.

Foi arguto o nosso Mestre,
Ao trazer a boa nova:
Perante esse bem celeste,
Tudo agora se renova.

Caminhemos um pouquinho,
Em nossa estrada da vida;
Ajamos com mais carinho,
Demos co' o mal de vencida.

São os versos imperfeitos?
Vamos ter de melhorar.
Somos doentes nos leitos,
Em busca de nos curar.

Queremos pôr por escrito
As ideias que nos vêm:
Da escuridão nasce o grito,
A apontar que existe alguém.

Por mais força que façamos,
Nossos versos não são bons;
É sinal que precisamos

Refletir sobre esses dons.

Da mesma forma, os amigos
Que se sentem inferiores
Resguardem-se nos abrigos
Dos espíritos mentores.

O sonho de ser poeta
Atravessa estes espaços,
Pois, p'ra alma ser completa,
Deve dar todos os laços.

Mas como existe vaidade,
No bojo do versejar,
Ajamos com caridade,
Como é rico o céu e o mar,
E, com naturalidade,
Não iremos vacilar.

É bem grande a expectativa
Por um verso mais perfeito
Duma alma bem criativa
Que p'ra a arte leve jeito.

Declarado o treinamento,
Tudo se irá encaixar;
Atenua-se o tormento,
A importância sai do ar.

Entretanto, nosso amigo
Sente o coração pesar:
Vai ficando muito antigo
O seu voto de ajudar.

Se lhe pedirmos paciência,
Podemos ofender,
Pois é o que tem prevalência
Nesse seu modo de ser.

Por isso mesmo, amiguinho,
Ousaremos prosseguir,
Aceitando o seu carinho
E a vontade de servir.

Mas havemos, entretanto,
De reconhecer um fato:
Vamos melhorando tanto,
Que parece espalhafato.

Era sério o nosso verso,
No comecinho da tarde;
Já se torna mais perverso,
Pelo fato deste alarde.

Quisera fazer poesia,
Como a água mata a sede,
Como é forte a maresia,
Como o peixe cai na rede.

Entretanto, estes versinhos
Vão somente declarando
Como são pequeninhos
Os seres que estão falando.

As águas correm p'ros rios,
Os rios procuram os mares:

Nos oceanos mais frios,
Passam nuvens pelos ares.

É esse o fim dos meus versos,
Após tantas tentativas;
Pelas águas vão, imersos:
São lágrimas, são salivas.

Paremos o sofrimento
Desta lúgubre poesia;
Faz-se mais forte este vento
Que nos traz doce alegria.

Sorrindo p'ros nossos versos,
Ficamos bem mais espertos,
Sejam eles mui perversos,
Terão seus destinos certos.

Caprichemos, irmãozinho,
Na feitura destes versos,
Pois é, por nosso carinho,
Que os males serão dispersos.

Hoje temos muito tempo:
Podemos desperdiçar;
O trabalho está mais lento,
Mas a obra irá gorar.

— *Isso não tem importância* —
Diz o médium satisfeito,
— *Pois vai ser com elegância*
Que bateremos no peito...

Preocupa-se o nosso irmão
Com o volume dos versos;
Dispara-lhe o coração
Com estes dias adversos.

Já passamos duma hora,
Efetuando os ditados;
Agora já não demora
Para o momento esperado.

Sabendo que deveremos
Agradecer ao irmão,
É bem isso o que faremos,
Ao término do refrão:
— *Obrigado, bom amigo;*
Iremos contar contigo!

Finalmente, a nossa prece
Ao bom Pai que está no Céu,
Que nossas almas conhece,
Apesar de espesso véu:
— *A vossa bênção, Senhor,*
Para os que penam em dor.

31

SEM REFORMAS

Pensamos ter esgotado
Os temas para este treino,
Mas temos um reservado
Ao chegar do Pai o reino.

Soluços, dores e lágrimas
São temores que já foram
Gargalhadas e sorrisos:
São tintas que as dores douram.

Tomamos conhecimento
De que as coisas não vão bem,
Pois é grande este tormento
De passarmos por ninguém.

Os méritos são pequenos,
As rimas são pobrezinhas,
Mas considerem, ao menos,
Que preenchemos as linhas.

Claro está que é só retórica,
Para dar curso à poesia:
Nossa voz é estentórica,
Doce e meiga, a melodia.

Comigo não tem vantagem
Quem me aceita o desafio;
É preciso ter coragem:
A rima está por um fio.

Se conhecer a poética,
Fazer verso é brincadeira,
Mas neste jogo da estética,
É fácil dizer asneira.

Por mais que nos empenhemos
Em dar curso a nossos versos,
Só nos cansam esses remos
Que no mar ficam imersos.

Repetimos a figura,
Que se faz bem comezinha;
É p'ra manter a estrutura
E completar a quadrinha.

Contente está o escrevente,
Com as nossas redondilhas;
Já confia mais na gente:
Em seu mar, somos as ilhas.

Uma outra coisa que o alegra
É nossa velocidade;
A rima pode estar negra,

Satisfaz sua vaidade.

Mas, no fundo da consciência,
Aumenta sua expectativa,
Já que nos falta a ciência
E a moral não reaviva.

Ficam os versos bem chochos,
As rimas, descoloridas,
Como os adornos são roxos,
Ao final das nossas vidas.

Aqui e ali se apresentam
Versinhos mais graciosos;
São os ânimos que esquentam,
Em desafios preciosos.

Sendo assim, vamos levando
Nossa tarefa ao seu fim,
O sentimento cansando
De reação tão chinfrim.

Às vezes, sai bem forçado
O texto do nosso assunto;
Vai ficar sempre de lado
Quem não pode morar junto.

A sorrir, nosso escrevente
Empenha a sua caneta,
Põe confiança na gente,
Mas, por dentro, faz careta.

Ao som dessa referência,

Deixa o ouvido bem em pé,
Pois doce manemolência
Produzirá forte fé.

É longo o nosso caminho
Em busca da perfeição;
É como a roupa de linho
Que exige moderação.

Queremos simplicidade
Nest'arte de versejar;
É grande a complexidade
Do que temos p'ra ensinar.

Pode até ser presunçoso
O que acima colocamos,
Mas, para do reino o gozo,
Tudo haverá que aprendamos.

Pedimos simplicidade
Para a forma destes versos;
Na prima oportunidade,
Foram eles mui perversos.

Vamos ter de reformar
Muitas quadrinhas das nossas:
Os barcos que vão ao mar
Se quebram nas ondas grossas,
Se tiverem avarias,
Que nem as nossas poesias.

É bem justo que digamos
Que nem tudo está perdido;

Rosas pendem dos ramos,
Doce refrão é ouvido.

Mas algo definitivo
Era preciso deixar,
Ou perde seu objetivo
Este tão longo treinar.

Nosso amor pelo encarnado,
Que chamamos instrumento,
Não tem sido interpretado
Com base no sentimento.

Quem mede nossa poesia,
Julgando noss'alma fria
E distante o coração,
Deveria meditar
Como é duro o labutar
De quem faz a transmissão.

Ficaria mais tranquilo,
Sabendo que eu não repilo
O tema mais escabroso,
Mas dando-lhe o tratamento
Pelo *Novo Testamento*,
Para torná-lo formoso.

Se são pobres nossas rimas,
São certas nossas estimas,
O nosso carinho e amor;
Portanto, fique contente,
Confie um pouco na gente,
Sinta gostoso calor.

Somos boa companhia,
Quando a casa está vazia
E o escrevente fica só;
Mas, ao chegar alma viva,
Muda a tal expectativa:
É ânsia de causar dó.

Vamos ter de liberá-lo,
De manhã se ouve o galo:
É de sua natureza.
Sendo assim, eu me despeço,
O samba não atravesso,
Beleza não vai à mesa.

Pretendíamos dizer
Deste enorme bem-querer
Que sentimos pelo amigo.
Não vá tolher-se por nós,
Você há de ouvir nossa voz
E dirá: — *Contem comigo!*

Pedimos a Deus no Céu
Que abençoe a todo o povo,
Que rasgue este espesso véu,
P'ra amanhã virmos de novo.

32

ENEASSÍLABOS TOSCOS

Nenhum ser no Universo se perde,
Qualquer dor nos abismos nos une;
Se a consciência, por culpa, nos pune,
Nosso amor pela vida há quem herde.

Somos muitos no grupo de amigos,
Sempre ativos, dramáticos, sérios,
A tentar resolver os mistérios
Que nos dão infalíveis perigos.

Quando a coorte de antigos parceiros
Se reúne, no etéreo, infeliz,
É que teme não ter companheiros
Que lhe deem feliz diretriz.

Sinto muito não ter pensamento
Que se ponha bem fácil na linha;
É que tenho um medo que aninha
E não vem para fora um momento.

Estes versos que lanço na pauta
São quebrados, modestos, chinfrins;
Gostaria de mesa bem lauta,
A servir anjos bons, querubins.

Certo vou arrastando este tema,
P'ra induzir nosso amigo a escrever;
Vai treinando esta rima e poema,
Aprendendo de vez o mister.

Cada vez que termino uma quadra,
Sinto a voz da consciência a dizer:
— *Caravana que passa, o cão ladra,*
Mas demonstra que tem bem-querer.

Neste ritmo de verso forçado,
Melodia de pouco valor,
Conseguimos deixar registrado,
Com respeito, este nosso calor.

Se não temos qualquer bom sistema,
P'ra deixar uma quadra perfeita,
Que sigamos em frente no lema
Que é melhor que sofrer de maleita.

Quando tudo parece perdido,
Este verso se faz facilmente,
Nosso ânimo vê soerguido
O desejo de ser eficiente.

Está claro p'ro nosso escrevente
Como é fácil fazer estes versos;
Basta ser só um pouco valente

E dizer alguns temas perversos.

Vou supor que este dia nos traga
Uma ideia de tudo perdermos;
Restará nosso amor pela saga
Que perdura, por quanto vivermos.

Muito pouco é preciso fazer
P'ra obter nesta vida sucesso:
Ao sabor especial do querer,
Se acrescente o temor do regresso.

Alguns trancos que tenho sofrido
São só bênçãos de pura emoção,
Pois, de tudo o que tenho, duvido
Que me falte carinho e atenção.

Prevenido ficou o escrevente,
Quando soube que o verso teria
Nove sílabas, pura harmonia,
Pois o treino se faz excelente.

Entretanto, os dizeres atestam
Que não temos bem farta esta mesa;
Os problemas, deveras, infestam
Nossas quadras, em vez da beleza.

Sofredores, os grupos se afastam,
Temerosos de o dia perder;
Para mim estes versos me bastam,
Pois é tudo o que sempre quis ter.

Como sei que nem tudo é perfeito,

Que estas rimas se dão descoradas,
Preparei-me, trazendo no peito
A vontade e esta dor preparadas.

Por acaso, esta rima deu certo,
Como fosse trazida por Deus;
Eis-me aqui, com amor, peito aberto,
P'ra deixar um abraço de adeus.

Ao Senhor solicito paciência,
Porque sei como sou atrasado,
Entretanto, farei diligência,
Para um dia não ser reprovado.

Já não sinto vontade agudíssima
De acertar nestes versos comuns;
Penso agora em fazer mais alguns,
Com amor e com alma vivíssima.

Eu não sei se terei muito tempo,
Pois a rima p'ra *tempo* é difícil;
Mesmo assim, sem sofrer contratempo,
O meu alvo eu acerto co' o míssil.

Sacudindo a poeira da estante,
Vou fazendo meus versos fluírem,
Como sei que é p'ra breve esse instante
Que tais gentes, enfim, se retirem.

— *Já não tenho certeza de nada!* —
Diz o pobre infeliz lá no Hades;
Pois, se fosse melhor na jornada,
Bem teria outra ideia: — *Saudades!*

Pouco a pouco, esta escrita começa
A ficar bem mais fácil de ler,
Mas agora não há que me impeça
Duma prece final eu fazer.

O bom Deus, lá no Céu, me abençoe
E estes versos impróprios perdoe,
Já que o estro que tenho é pequeno.
Ao amigo escrevente, eu lhe peço
Que não tente jamais o sucesso,
Sem manter o seu ser bem sereno.

33

A TRINTA POR HORA

A mediunidade é um dom
Que precisa melhorar;
Ao se ouvir um lindo som,
Vem desejo de cantar.

Por isso, caro amiguinho,
Não se canse do trabalho;
Trate dele com carinho,
Sinta nele um agasalho.

Se somos impertinente,
Se queremos melhorar,
Diga lá, caro escrevente,
Não é fácil poetar?!...

Mantenha o pulso bem solto,
A mente deve estar leve,
O tema virá envolto
Dum pensamento mui breve.

Se algo não der muito certo
E a quadra ficar caduca,
Inda assim, com peito aberto,
Não deixe fundir a cuca.

Espera tão só um momento,
Pois nem tudo está perdido;
Concentre seu pensamento:
O problema é resolvido.

A contagem não dá certo,
A rima não é perfeita,
Mas o tema já está perto
De ter solução aceita.

Fez-se a luz em seu deserto,
A claridade é perfeita,
A solução está perto
Do teor que a mente aceita.

Falamos só de improviso,
Sem contagem e sem rima,
Mas é com muito juízo
Que o médium nos reanima.

Vai ele feliz ao pote,
Sem medo de o derrubar,
Como a serpente dá o *bote*,
E se põe a navegar...

Caso o assunto seja triste,
Coisa de fazer chorar,
Nosso amigo aí insiste

Em nosso pelo arrancar.

O troço, então, fica alegre
E todos riem à toa,
Mas o poeta *possegre*:
Ele quer a coisa boa...

É bastante divertido
Treinar com satisfação;
O verso não tem sentido,
Mas alegre o coração.

Mesmo assim, vamos levando,
Sem nenhuma confusão,
Pois é grande o nosso bando
E todos nos dão a mão.

Gostaria de dizer
Como é rápido este verso,
Mas o tema iria ser,
No mínimo, controverso.

É que as horas não se contam
Pelos relógios humanos
E estes versos só se montam,
Com a ajuda dos dois planos.

Em todo caso, diremos
Que levamos uma hora,
P'ras trinta quadras que vemos
Criarem-se sem demora.

Se fôssemos mais depressa,

Muito mais nós erraríamos,
Mas não vamos cair nessa,
Pois ajuda não teríamos.

É fácil fazer poesia
Deste lado onde moramos,
Mas um conselho eu daria:
— *Cuidado com outros amos!...*

Nem sempre a rima final
Responde ao que se queria:
Às vezes, é um grande mal,
Às vezes, salva a poesia.

Fazemos questão, contudo,
De revelar como somos,
Pois é nesse conteúdo
Que nossa verdade pomos.

Parece até brincadeira
Estes versos que compomos,
Mas será desta maneira
Que diremos o que somos.

Ficou bem melhor agora,
Já que o tema recompomos,
Muito presto, sem demora,
Vamos separando os gomos.

É chegada a cara esposa,
Sinal que minh' hora finda;
Há certo aviso na lousa:
— *Amar é uma coisa linda!*

Iremos, pois, encerrar,
Com a prece rotineira,
Festejando este seu lar,
Que não há melhor maneira.

Eis-nos, Pai, aqui de novo,
A rogar para este povo
Bênçãos de felicidade;
Releve todas as falhas,
Coloque fluidos nas talhas:
Que esta tarde dê saúde!

34

ANUNCIANDO A DESPEDIDA

Devo dizer a verdade
Que em meu coração se encerra,
P'ra demonstrar lealdade
Aos meus amigos da Terra.

Não tenho grande esperança
De deixar forte registo:
A verdade não se alcança
Quando o sentimento é misto.

Não fomos de todo mal
Em nossas quadras acima;
Mais importante, afinal,
É quanto a gente se estima.

Se falharmos neste intento
De fazer versos perfeitos,
Lavaremos nosso tento
Nos textos que forem feitos.

Há garrafas que estão cheias
De líquidos prodigiosos,
Bem assim, as nossas veias
Contêm plasmas valiosos.

Era assim que eu desejava
Que fossem os versos meus:
Cheios da voz que brotava
Dos mandamentos de Deus.

Sinto, porém, que na vida
Não amealhei virtudes
E esta minh'alma ferida
Só contém ideias rudes.

Quando ao amor me refiro
Como algo mui superior,
Sinto que apenas sugiro
Um bem sem qualquer valor.

É que, à emoção do relato,
Não sinto qualquer poesia:
Deu-se a vida como um fato
Comum, neste dia a dia.

Por isso, os versos que faço
Mais se parecem com prosa,
São mais rígidos que aço,
Não têm odores de rosa...

Mas, falando francamente,
Neste treino que angustia:
Não é verdade que a gente

Já não gosta de poesia?...

Se estes versos são *quadrados*,
Cheios de termos *vazios*,
Tidos por *arrevesados*,
É lixo lançado aos rios.

Se são simples as quadrinhas,
Com suas rimas bem fáceis,
Já lá vêm as ladainhas,
Com ares gentis e gráceis...

Se a lição for oportuna,
Cheia de sabedoria,
Já se espera mão gatuna,
A furtar de outra poesia.

Se somos originais,
Nossa verve se confunde:
Ninguém nos entende mais,
Nossa fé não se difunde.

É preciso acreditar
Que ainda existe no mundo
Quem saiba o que seja amar
Com sentimento profundo.

Eis aí nossa harmonia
Que dará razão de ser
P'ra triste, humilde poesia,
Que brota do bem-querer.

Se existem bons sentimentos

No fundo dos corações,
Louvemos estes momentos
Em que entoamos canções.

Nosso verso se engrenou,
Nossa rima se ajustou,
Nosso escrevente sorriu;
Agora já temos calma,
Está feliz esta alma,
Nosso grupo já se uniu.

Sinceros são os desejos
Que nos inspiram os beijos
Nestas rimas mui formosas;
Se temos tido vergonha,
Já não nos chamam *pamonha*:
Já recendem nossas rosas.

Serão felizes os dias
Em que mais belas poesias
Florirem neste jardim;
Sentiremos as virtudes,
Não serão emoções rudes
Que se apossarão de mim.

Se dissemos a verdade,
Foi por pura caridade,
Já que a verdade não dói;
A mentira descoberta
Somente fúria desperta:
Fazer bem, isso não sói.

Se tivermos paciência,

Em breve, com eficiência,
Brilhará nossa poesia,
Já que estamos progredindo,
Nosso verso fica lindo,
Enche-se de melodia.

Se o nosso exercício finda,
Enquanto temos ainda
Algo bom para dizer.
— *Não faz mal!* — retruca o médium,
— *É só por seu intermédio*
Que demonstro bem-querer.

Se tivermos paciência,
Se for pouca a exigência,
Terminamos o trabalho.
É que a nem tudo na Terra
Nosso coração encerra,
Nem dá noss'alma agasalho.

Nós já estamos bem feliz
Com a nossa diretriz
P'ro trabalho deste dia.
Vou encerrar o tormento,
Pois tenho o pressentimento
Que a mais não me atreveria.

Tenho ainda p'ra dizer
(Talvez nem fosse escrever)
Que alguma luz já se fez,
Pois, por força de Jesus,
Que o nosso mundo conduz,
Voltaremos outra vez.

Só vou pedir ao irmão
Que queira de coração
Escrever estes ditados.
Está bem pertinho agora
De sabermos quão sonora
É a tal poesia dos grados.

Adeusinho, caro irmão,
Receba de coração
Os amigos desta esfera,
Agradecendo ao Senhor
O nosso pacto de amor,
Esta amizade sincera.

Apenas p'ra terminar
Resta ainda desejar
Que Jesus nos abençoe,
E que nos leve consigo,
Do sofrimento ao abrigo,
Que todo mal nos perdoe.

Sabemos ser sacrifício
Afastar-se do bulício
Das formas de nosso verso,
Mas é bem chegada a hora
De todo o grupo ir embora,
Em outro trabalho imerso.

Ao nosso Pai oraremos
E tudo agradeceremos,
Com o coração na mão,
Já que sabemos da luta

Que exige força bem bruta,
Para a nossa salvação.

Bem gratos, pois, irmãozinho,
Vamos deixando o carinho
Destes versinhos finais;
Não se queixe do trabalho:
Você está quebrando o galho,
Ouvindo estes nossos *ais*.

Se tivermos um tempinho
P'ra agitar nosso lencinho,
Em sinal de despedida,
Fique apenas um instante:
Um só segundo é o bastante
Para salvar uma vida.

35

INJUNÇÕES DO PIONEIRISMO

O destino me reserva
A luta de cada dia,
Mas a minh'alma conserva
Bocadinhos de poesia.

Sendo assim, querido amigo,
Ao embrenhar-me na selva,
Ainda encontro um abrigo
Formado de boa relva.

Entretanto, esta poesia,
Que brota do desalento,
Irá transformar-se, um dia,
Em frutos de bom talento.

Aí vamos festejar
A paciência desta hora:
Aprendamos a amar
Com os sufocos de agora.

Se estamos só a treinar,
Não nos importam tais fatos,
Pois vamos continuar,
Apesar dos desacatos.

Se for bom o coração
Que, feliz, bate no peito,
Não há consideração
Que nos vá deixar sem jeito.

Temos por nós a verdade,
Sem qualquer hipocrisia:
Frac a personalidade?
Bem mais fraca esta poesia...

Entretanto, os nossos versos,
Honestos e verdadeiros,
Embora um pouco perversos,
Hão de ser os pioneiros.

É bem fraca a nossa rima?
É preciso melhorar?
Pois você não imagina
Como é fácil poetar.

Com um pouco de trabalho
E parcela de emoção,
Para breve eu amealho
Algo p'ra publicação.

Não somos pretensiosos
Nem são os versos preciosos
Nem as lições, coisa boa;

É que, com bons sentimentos,
Afastamos os tormentos
E nossa voz já ressoa.

Se não houver compromisso
De apresentarmos serviço,
Em verdadeira empreitada,
Teremos inspiração
P'ra preencher de emoção
Dos amigos a jornada.

Eis aí fonte segura
De doutrina toda pura
Com que basear o verso;
Não precisaremos mais
Doutros momentos que tais:
Nosso amor é incontroverso.

Vamos falar, afinal,
Que afastamos todo o mal
De junto do coração;
Agora é só alegria
A enfeitar esta poesia,
A nos trazer emoção.

Diletos são os amigos
Que oferecem seus abrigos
A quem lhes procura o auxílio,
Pois parecem conhecer
Que, p'ra verdade saber,
Não há que esperar o exílio.

Se nossa fonte secar,

Se o barco não for ao mar,
Se não tivermos sossego,
Elevemos nossa prece,
Recolhamos nossa messe,
Com amor e desapego.

Talvez, qualquer dia destes,
Enfrentemos outros testes,
Ainda mais doloridos;
Porém, se a nossa oração
Emergir do coração,
Jamais seremos feridos.

Sabemos que estamos fracos,
Que não são bons nossos tacos,
Que é feia nossa poesia,
Mas queremos prosseguir,
Com sua mão, Wladimir,
A servir de garantia.

Tivemos dificuldades,
Ao dizer nossas verdades,
Conforme a propositura;
É que jamais esperávamos,
Nem por sonho nos julgávamos
Capazes de tal ventura.

Entretanto, aqui chegamos,
Sem certeza de que estamos
Ao abrigo da impostura,
Pois, afinal, estes versos
Têm os seus lados perversos
A fazer triste figura.

Por isso, meu caro irmão,
Essa tal publicação,
Vá esquecendo, por enquanto;
Fique só no treinamento,
Cheio de contentamento,
Aguardando um novo canto.

Nós dois teremos, um dia,
Um momento de poesia,
Aos pés de Nosso Senhor:
Aí, com facilidade,
Ouviremos a verdade,
Coração cheio de amor.

Voltará nosso sossego,
Pois teremos desapego
Dos fatos materiais,
Pois, na espiritualidade,
É grande a felicidade,
Quando não se sofre mais.

Foi tremenda a nossa volta,
Quase a rima não se solta
P'ra completar a poesia;
Mas tudo já terminou,
O coração sossegou,
Ao terminar mais um dia.

É rabugice, não nego,
Dizer que conduzo um cego
Para a beirada do abismo,
Mas houve um bom companheiro

Que se aprestou, bem ligeiro,
P'ra salvar o Espiritismo.

Eis-nos aqui, nesta hora,
Já prontos p'ra ir embora,
Ao cabo da inspiração;
Mas ouvimos um lamento,
No fundo do pensamento,
No coração deste irmão.

Na hora da despedida,
Quando estamos de partida,
Ficam mais fáceis os versos.
Aí, o nosso irmãozinho
Enche-nos de seu carinho,
Com sentimentos diversos.

Ao Divino Protetor,
Dizemos, com muito amor,
Que é grande a felicidade;
Que suas bênçãos renove,
P'ra que tudo nos comprove
Que está próxima a verdade!

36

O TRABALHO PROSSEGUIRÁ

Poderá nosso inimigo
Prejudicar-nos a alma?
Só se lhe dermos abrigo,
Preservando a rude palma.

Se lhe dermos nossas preces,
Com amor no coração,
Obteremos as benesses
Duma forte proteção.

Hoje somos muito ingênuos,
Cheios de vicissitudes;
Com sacrifícios estrênuos,
Reuniremos as virtudes.

Sentiremos outra força,
Seremos bem mais seguros;
Não haverá quem nos torça
A rota dos alvos puros.

Entretanto, aos bons amigos
Devemos agradecer
A proteção e os abrigos
De extremado bem-querer;

A Deus, nos Céus, finalmente,
Nosso bem e nossa luz,
Pelo envio a toda gente
Do nosso Mestre Jesus.

Desta forma, pretendemos
Fazer ouvir nossa voz:
Se é o Senhor que por nós temos,
Quem há de ser contra nós?!

Confiemos em Jesus,
Em suave contenção;
É sua voz que conduz
A Deus esta multidão.

Sua mãe, Santa Maria,
Abençoa os infelizes
E lhes dá um novo dia,
Alteando as diretrizes.

Tão soberba proteção
É lá do Alto que vem;
Pois prepare o coração,
Praticando só o bem.

Uma série de cuidados
Fará bem à nossa vida,
Se estamos determinados

À diretriz ver cumprida.

Sorriremos da miséria,
Toda dor será bem-vinda;
Haverá coisa mais séria?
Nossa paz será infinda.

É certo que partiremos,
P'ra conhecer o mistério,
Embora tudo o que vemos
Termine no cemitério.

Sendo assim, é importante
Conhecer a outra vida;
Não vá deixar ao talante
Pô-lo em risco, se duvida.

Leia as obras sem sermões,
Mergulhe em seus pensamentos;
Saiba que há bons corações,
Sustentando os argumentos.

Discuta com seus amigos,
Ponha as dúvidas p'ra fora:
Os homens são bem antigos,
Mas tudo se passa agora.

A timidez é um perigo,
Quando o amor não sobreleva;
Quanto vale um bom amigo
Que nos abre a sua ceva?!

Por isso, não tenha medo

De demonstrar ignorância;
Havendo vida, ainda é cedo:
Será essa a nossa infância.

Parece bem divertido
Levar o tema em poesia.
Pode ser, mas eu duvido
Que qualquer publicaria.

Vou passar p'ra outro assunto,
Do mesmo modo importante;
Espero que venha junto
E que não seja implicante.

Este treino de poesia
Deverá continuar,
Sempre, ao morrer do dia,
Quando é doce o poetar.

Na quantidade dos versos,
Não se pode confiar;
Serão muitos os perversos,
Poucos para publicar.

Entretanto, a nossa gente
Vai gostar que seja assim;
Se não cansar o escrevente,
Isto não terá mais fim.

Perdurando o treinamento,
Todos serão atendidos;
Será coisa dum momento:
Problemas são resolvidos.

Ergamos, pois, nossas preces,
Rogando a Nosso Senhor
Que resguarde nossas messes
De paz, de bem e de amor.

E ao chegar a nossa hora
De bendizer ao Senhor,
Será breve, sem demora:
Demonstraremos valor.

Serão pobres nossos versos.
Nossas rimas — um horror!
Os temas serão perversos,
Mas será farto o vigor.

Por isso, não pare agora,
Vá em frente, caro amigo;
Confie em Nossa Senhora,
Que nos dá o seu abrigo.

Dissolvamos a assembleia,
Pois é hora de partir:
Porque se enfraquece a ideia.
Obrigado, Wladimir!

Na hora da despedida,
Fica triste o nosso irmão,
Mas saiba que, nesta vida,
Mais vale um bom coração.

Queremos agradecer
A Deus—Pai, o Criador,

Aumentando o bem-querer,
Conforme nos cresce o amor.

Tudo chega devagar
P'ra nossa felicidade;
Se quisermos apressar,
Teremos dificuldade.

P'ra cada dia, uma dor;
Um só pão, p'ra cada dia;
É bom este nosso amor;
É suave esta poesia.

Vamos ficar por aqui:
Cremos ser o suficiente;
Contenha-se, Wladimir;
Despeça-se desta gente.